

# **Página de Controlo**

O

# SOCIALISMO CONTEMPORANEO

JULGADO PELA SCIENCIA

POR

*Avelino Cesar Augusto Maria Callisto*

DOUTOR EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA



COIMBRA

IMPRESA LITTERARIA

1874

SOCIALISMO CONTEMPORANEO

JUGADO PELA SCIENCIA

por

Dr. Cesar Augusto Mattia Collazo

DOCTOR EN DEREITO PELA UNIVERSIDADE  
DE GOIANIA

GOIANIA

IMPRESSA GUYERRETT

1874

DISSERTAÇÃO PARA CONCURSO

FACULDADE DE DIREITO

ECONOMIA POLITICA

LEONARDO DE ALMEIDA MACHADO

O SOCIALISMO CONTEMPORANEO JULGADO PELA SCIENCIA

EDITORA

1914

54640

ECONOMIA POLITICA

O SOCIALISMO CONTEMPORANEO JULGADO PELA SCIENCIA

DISSERTAÇÃO PARA CONCURSO

NA

FACULDADE DE DIREITO

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

POR

AVELINO CESAR AUGUSTO MARIA CALLISTO

---

COIMBRA

IMPRESA LITTERARIA

1874

FACULDADE DE DIREITO  
BIBLIOTECA

N.º 59640

DISSERTAÇÃO PARA CONCURSO

DE

FACULDADE DE DIREITO

DA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

POR

ALVARO CESAR AUGUSTO MARIA CALISTO

---

COIMBRA

IMPRIMERIA LITTERARIA

1874

FACULDADE DE DIREITO

1874



À

ILLUSTRADA

FACULDADE DE DIREITO

EM

THESE  
TESTEMUNHO

DE

RESPEITO E CONSIDERAÇÃO

O.

Avelino C. A. M. Callisto

ILUSTRADA

FACULDADE DE DIREITO

DE

TESTAMENTO

DE

RESUMO E CONSIDERAÇÃO

O

Luzina E. S. M. Dallato

## THESE

O socialismo contemporaneo é a negação de toda a sciencia social, especialmente a Economia Politica.

O livro trata da sustentação do  
proletariado, quando se baseado na  
razão e na justiça.

Itaboraí.

THESIS

O socialismo contemporâneo é a negação de toda a  
estância social, especialmente a Economia Política.

## OBSERVAÇÕES

### PARTE GERAL

O bem estar da humanidade será permanente, quando fôr baseado na razão e na justiça.

HERDER.

ORSELY HOURS

# PARTE CERAL

O bem estar da humanidade está  
permanente, quando for baseado na  
razão e na justiça.

ERRATA

## OBSERVAÇÕES

A sciencia é o governo das  
intelligencias.

\* \* \*

N'uma época, em que tantas e tão profundas commoções sociaes, na ordem economica e politica, levam a agitação aos espiritos observadores, que receiam, anciosos, os resultados da crise, por que está passando a Europa; — quando os partidos, transformados em facções, representando, não ideias de evolução racional, mas uma certa ordem de paixões mesquinhas, rancores pessoaes e de classe, ambições de poder, inveja de fortunas, desprezo do trabalho e ausencia de responsabilidade, levam o homem a cevar-se, rancoroso, no sangue do seu semelhante; no momento em que por sobre as sacratissimas aras da liberdade, feita Cruz ha quasi dezenove seculos,

parecem divisar-se, como no festim de Balthasar, as palavras — *homo homini lupus* — d'Hobes, escriptas com sanguê humano; — hoje, em que uns certos espiritos, campando de philosophos, reformadores e philantropos, não trepidam diante da immensa responsabilidade moral, que lhes cabe pelo facto de propalarem uma ordem de d'ideias, que as turbas acceitam jubilosas, porque a sua ignorancia, instinctos e más paixões muito bem se ajustam a tudo o que por ventura as lisongear; e, porque ao homem, conscienciosamente observador, é dado ver no futuro de tantos desvarios, em vez do Eden promettido, a anarchia com todo o seu cortejo, o assassinio, o incendio, a orgia, a espoliação, o cáhos, e alfim as multidões devorando-se a si proprias, até cahirem exanimas aos pés do primeiro despota, que fôra talvez o seu primeiro apostolo e falso libertador, o qual, á semilhança dos sacerdotes do paganismo, levara as suas victimas cobertas de flôres para o logar do sacrificio, e que, para padrões de gloria immorredoura, offerece á posteridade montões de cadaveres, julgámos ser até um dever de consciencia levantar tambem um brado de profunda convicção em prol da verdade, que os mestres ensinaram e descobriram, contra tão deploraveis e não menos perigosos erros, que por ahi se escrevem e proclamam ás massas, que, infelizmente, os escutam pressurosas, como tudo o que lisongea as suas fraquezas.



Quando erros d'esta natureza despontam e se elevam no horisonte social, grave e santa é então a missão da sciencia.

Bem sollemnes devem ser os seus protestos contra todos aquelles, que, confiando demasiadamente na ignorancia das massas, para fazer triumphar loucuras, utopias e detestaveis intentos, destroem, mas não edificam.

E, porque quasi todos os apóstolos e prophetas do socialismo contemporaneo se acobertam com o sacratissimo nome da sciencia para imporem seus erros á convicção dos incautos, é mister que bem alto, e a todos os quatro ventos do céu, se proclame, que a sciencia não acoberta erros nem paixões, mas sim que, sendo um fóco de luz e moralidade, detesta as trévas e tudo o que n'ellas se trama.

A sciencia, a illustração e a moralidade, — eis as mais fortes egides da liberdade.

O despotismo só está bem nas trévas, a liberdade fecunda e cresce, quando exposta á luz, porque é franca e verdadeira; aquelle vive receioso, e por isso é cruel e violento.

Não escrevemos para os mestres, porque com esses já nós aprendemos, nem para aquelles que bem vêem a luz que os illumina, dirigimo-nos ao povo, aos incautos e a todos os que, a occultas e disfarçadamente, especulam com a ignorancia, pervertendo os animos, incitando á desordem, aspirando (e estes são

o maior numero) a glorias ephemeras, ou a um poder impossivel.

N'esta santa cruzada de muito vale a convicção e a verdade da causa, quando as forças são debeis.

O absurdo, para sustentar-se, demanda, por certo, mais esforço do que a verdade.

Esta basta apparecer, e para logo inunda de luz os espiritos.

## SECCÃO PRIMEIRA

### Verdades fundamentaes

Il est visible que les lois se découvrent, mais qu'elles ne se font pas : pour les lois relatives à l'humanité, chaque homme les a en soi.

CHARLES BAILLY.

As evoluções organicas, no movimento perfectivel e ascendente da humanidade, sam o resultado de leis providenciaes, descobertas pela historia, verificadas e demonstradas pela philosophia.

Os grandes movimentos revolucionarios, na vida d'este grande ser, significam sempre ou o apparecimento da ideia nova, que, findo o periodo da gestação na consciencia, rompe o involuero, que a continha, para crescer á luz do mundo social, cuja vida é tambem a sua, ou um phenomeno de transição, que

significa a germinação ou periodos d'elaboração da mesma ideia, ou tambem a acção dos estímulos reagentes da vida social, que, parecendo contrariar, estimulam e desenvolvem a acção das forças activas, cujo ponto de convergencia é a finalidade do ser humano — i. é — a sua perfectibilidade.

Quando o espirito faz convergir a sua actividade cognitiva sobre um phenomeno social, logo a sciencia lhe impõe o impreterivel dever de examinar, se elle é ou não o resultado normal das leis geraes do ser, e em especial das do desenvolvimento da serie social. Aberrações, não é só na ordem physica, que apparecem, tambem existem, e mais numerosas, na ordem moral.

Aqui, variadissimas e frequentes causas dam esse resultado. E quantas vezes, infelizmente, os preconceitos e a imaginação fazem com que espiritos, bem superiores ás vezes, abracem a nuvem por Juno, a apparencia pela realidade?

Em quantos problemas o valor da incognita não é mais do que a expressão da falsidade dos dados, ou da applicação de erradas leis e esquecimento das verdadeiras?

Para evitar esse escolho inventariemos, entre as cathogorias naturaes da razão, aquellas que directamente hão de justificar as premissas do syllogismo, cuja conclusão será a proposição, que nos propomos demonstrar.

Os limites naturaes d'uma dissertação por certo não comportam o desenvolvimento d'objecto tão vasto.

Sam proposições, que rogamos, nos concedam como demonstradas, verdadeiros postulados.

Sam a base do pensamento, o peculio, o capital de todo o homem, que sente em si a necessidade d'observar e estudar.

Sam verdades incontestaveis, e evidentes.

Uma vez descobertas pela razão humana, estas leis não se impõem, sentem-se e conhecem-se.

O espirito illustrado adhere a ellas irresistivelmente, sam a sua crença, porque a fé psychologica, está hoje demonstrado, que é uma lei organica do pensamento. 1 p

## II

O ser, na ordem finita, quando sobre elle recae a acção da intelligencia humana para ser elaborado em ideia, póde e deve ser sempre observado debaixo de dois aspectos, distinctos mas harmonicos, e sam — o variavel e o invariavel, — o infinito e o temporal, — o abstracto e o concreto.

Na realidade finita as manifestações do ser representam phenomenos mais ou menos empiricos; ora todo o phenomeno d'esta natureza suppõe logica e

ontologicamente a unidade, pois o que é temporal é variavel; e a variedade suppõe logica e relativamente a unidade.

O finito e o infinito sam, portanto, os dois polos, o alpha e o ómega do ser, representados, o primeiro nas suas manifestações phenomenaes e variaveis, o segundo na sua parte invariavel — o ideal do ser, o qual, sendo a *incarnação reflexiva* do infinito no finito, não só se acha consubstanciado nas leis organicas e fundamentaes da realidade temporal, mas constitue a sua lei d'unidade, a qual, através do espaço e do tempo, passa immudavel e constante por entre as manifestações phenomenaes do ser.

É o pensamento de Deus transluzindo por entre a fórmula temporal da criação. É o proprio Deus revelando-se ao homem pela linguagem do finito. Eis porque toda a natureza creada é um permanente hosanna de gloria a Deus. A florinha que desabrocha no prado, o gigante cedro que affronta a tempestade no topo da montanha, a gôta d'agua que se expande no oceano, a tempestade que se desencadeia medonha por entre a quebrada das serras, o cordeiro que bala em nossos campos e o leão que ruge no deserto, o selvagem que se prostra crente para adorar o Deus que não conhece, e o christão que, *in spiritu et veritate*, se eleva até Elle em suaves e divinos arroubamentos, todos á porfia manifestam e cantam a gloria e poder do Senhor dos mundos.

Deus manifesta-se temporalmente pela lei da harmonia, a qual se acha gravada pela mão da Providencia desde o ether até á immensidade das massas, que se movem no espaço; desde o granito e do calcareo até ao crystal; desde os primeiros esboços da vida vegetal até á delicada sensitiva; desde o polypo e o zoophyto até ao organismo humano; desde o instincto até á mais elevada aspiração para o infinito.

Os principios, que ontologicamente constituem a natureza fundamental do ser, acham-se consubstanciados no espirito humano debaixo da fórma de categorias.

A substancialidade, a unidade, a totalidade, a identidade, o modo, a causalidade, a contradicção, o verdadeiro, o bello, o bom, etc., sam principios, que, subjectiva e logicamente baseiam a formação e legitimidade dos juizos empiricos.

Sam necessarios subjectivamente, porque a formação do conhecimento é impossivel sem elles.

E, porque a realidade temporal só póde conceber-se como a realização d'essas leis no espaço e no tempo, sam tambem objectivamente necessarios.

Per este motivo sam universaes, pois o que é necessario e essencial é commum e universal na serie respectiva.

Tambem as leis primitivas do ser sam immudaveis absoluta e relativamente. Absolutamente, porque, ainda quando desapparecesse a realidade contingente,

subsistiriam na sua objectividade primitiva — Deus. Relativamente, porque, através das manifestações temporaes, successivas e ascendentes dos seres, conservam-se como leis d'unidade, dominando sempre a totalidade no *desenvolvimento serial*, especialmente na *ordem biologica*.

É tam fatal e incessante a acção d'estas leis na vida intellectual, que implicita e inconscientemente as affirmamos em qualquer juizo experimental.

O homem mais rude indaga, *curioso*, a causa d'um facto; o philosopho estuda *reflexivamente* a mesma causa. N'aquelle actua *fatalmente* a lei da causalidade; n'este a mesma lei opera *intelligentemente*.

Innatas não sam as ideias de causa, unidade, identidade, ser, etc..., mas é congenita ao espirito a existência dos principios que representam o seu objectivo, e que constituem as leis organicas do pensamento.

### III

O individuo — a serie — o grupo — a classe — a ordem, eis a fórma successiva e ascendente, pela qual os seres se apresentam ao espirito nas suas observações.

Toda a serie é a reproducção semelhante da mesma



unidade, que é a sua lei, a qual o espirito determina pela analyse, e verifica pela synthese.

*Na ordem moral da existencia nada ha de arbitrario, ou casual.* A creação e a providencia sam actos d'uma intelligencia suprema e unica, symbolisada na temporalidade pela ordem e harmonia universaes. E, quando o espirito ascende nas suas evoluções causaes partindo da ideia d'ordem, nunca póde chegar logicamente á realidade do accaso.

Esta ideia significa para o espirito ignorancia da lei ou causa do phenomeno.

Em a natureza nenhum ser, quer seja substancia ou modo, existe no isolamento. A cadeia das existencias em parte alguma se acha interrompida.

Ainda que a *continuidade do ser* seja ainda uma hypothese, que actualmente a eschola de Fichte, na Allemanha, procura demonstrar, elevando-a á cathegoria de dogma scientifico, é já inquestionavel que dois phenomenos os mais afastados pela distancia das series a que pertencem, prendem-se em uma relação de harmonia por virtude da lei geral da ordem, para a qual convergem todos os seres individuaes.

O universo é um grande organismo. A unidade é a sua lei fundamental.

Nos seres perfectiveis, especialmente, nota-se, é verdade, a transformação, o transitorio, o variavel e successivo. Tudo isto, porém, sam resultantes da lei evolutiva, inherente ao individuo, á serie, ao grupo e

á classe, lei de variedade, dominada sempre pela da unidade.

*Toda a modalidade, pois, que exprime uma evolução organica na vida dos seres, é sempre a resultante d'uma lei.*

Quando essa evolução se harmonisar com a finalidade do ser, não é uma aberração, mas sim um factó natural.

A philosophia, — i. é — a razão, indagando as causas e principios dos seres, exprime evidentemente uma necessidade do espirito humano, imposta pela lei da causalidade, que é uma das cathogorias do pensamento.

A historia, expondo a parte phenomental dos seres, completa-se pela philosophia. D'onde, a philosophia da historia é a sciencia mãe, e a mais perfeita evolução do pensamento humano.

O espirito observador não póde, nem deve satisfazer-se com o conhecimento empirico dos phenomenos, eleva-se até ás leis e causas, que os produziram.

Ascende sempre causativamente até deparar com a causa primeira — Deus.

Aqui a razão humana estaciona, contemplando sem comprehender. Envia ao coração impressões, que elevam o sentimento até á adoração, quando, vagando perdida na immensidade do infinito, do incomprehensivel, não é prêza do scepticismo, que é a morte intellectual e moral do espirito.

## IV

Se a finalidade é a lei que provoca a realização da natureza de todo o ser finito, a *constituição autonómica e racional do homem* é a lei reguladora das evoluções da natureza humana, em ordem á realização *livre* do bem.

O ser humano realiza o seu bem fatal e conscientemente.

As leis da materia em geral, as do organismo em especial, operam fatalmente. A vontade não tem imperio racional sobre ellas; mas, porque o homem é um ser racional e autonomo, a Providencia confiou á vontade e á razão a iniciativa na realização d'uma parte do bem.

Eis a expressão mais sublime da individualidade humana, da sua personalidade!

A nenhum outro ser conhecido Deus honrou com semelhante privilegio.

Um ser, que, como o homem, affirmando-se a si proprio pela consciencia, se eleva pela razão ao conhecimento da sua dignidade, procurando saber quem é, d'onde vem e para onde se destina; — elle, que chega a conhecer as leis, que regulam a sua actividade, que calcula os impulsos da sua aspiração perfectivel, que, á luz do passado e através do presente, antevê

até o futuro na ordem social e moral, pôde justamente acclamar-se o rei da criação, a despeito das superioridades physicas e parciaes d'outros seres, que parecem querer disputar-lhe o logar.

A aguia, na amplidão dos ares, pôde, só ella, encarar o sol, mas o homem com os olhos do espirito alcança o infinito e vê Deus, apesar de incompreensível na sua immensidade.

## V

As leis logicas do espirito operam fatalmente.

O direito e a moral, *existindo* como leis organicas do ser racional, aspiram á realização da finalidade, ou do bem, pela vontade e pela intelligencia. — Eis o ideal da autonomia racional do ser humano.

A vontade humana, intrinsicamente considerada, é uma simples força de impulso e acção sem conteúdo proprio. É porém determinada, e arrastada ás vezes anormalmente, por motivos que nascem do sentimento e da intelligencia.

Mas a vontade não é só *força* de acção, abrange tambem a *lei*, a qual, sendo a expressão virtual da finalidade humana — *o bem*, — regula os modos e direcção da sua actividade, impondo-lhe o *dever*.

A vontade humana, como força, sendo arrastada

por paixões anormaes, pela ignorancia ou causas exteriores ao ser, póde reagir contra a acção da lei do bem desviando-se da direcção d'este seu motivo racional. N'estas circumstancias o homem opera *arbitrariamente*, porque só é livre quando realiza o bem pela intelligencia e vontade autonoma, isto é, determinada por motivos congruentes á lei do bem, sem coacção interna ou externa.

## VI

Entre os elementos que constituem a ideia generica, significada pela palavra homem, dois se encontram bem salientes, e são: o elemento *individual* e o *social*, os quaes, com quanto distinctos, mutuamente se completam e solidariamente se influem.

No individuo as necessidades excedem consideravelmente as suas faculdades, e esta apparente anomalia, este vacuo providencial foi sabiamente preenchido pelo elemento social. Eis o laço metaphysico que prende as individualidades, unificando-as na familia, na communa, na nação e alfim na humanidade.

A sociedade é um verdadeiro organismo, formado de personalidades com vida e leis proprias da serie que representa na ordem geral dos seres. A totalidade não póde absorver o individuo, nem este hostilizar

a collectividade. São duas forças contradictórias, que harmonicamente se modificam, mas nunca se destroem.

1. A *contradicção* é elemento essencial para a vida de todo o ser activo; o proprio Deus não está exempto d'esta lei.

2. Com effeito, em todo o ser activo existem duas forças contrarias, as quaes nas variadas funcções do mesmo ser mutuamente se modificam e estimulam — a acção e a reacção.

A attracção e a repulsão, a força centripeta e a centrífuga nos corpos, a razão e as más paixões, a liberdade e o despotismo, o elemento progressista e o conservador na politica, a desdita e a ventura, o egoismo e o desinteresse, a luz e o escuro no quadro, etc., são outras tantas condições precisas para o movimento variado e harmonico na vida dos seres, e que aliás seria monotono e subversivo da ordem e vida universal, manifestada por uma oscillação constante dos elementos que constituem a criação.

## VII

3. Na realidade finita todo o phenomeno tem uma causa. Esta é sempre a expressão directa ou indirecta de uma lei; d'onde todo o phenomeno deve ser o

resultado d'uma lei. A lei da ordem é uma realidade; logo o accaso é uma concepção anomala do espirito, que ou representa um facto, que não entra na ordem geral da harmonia, ou symbolisa para o espirito a ignorancia da causa do phenomeno.

No estudo, portanto, dos grandes factos e transformações sociaes todo o espirito observador deve attender ao phenomeno e á lei que o domina. Todo o facto que for aberração da lei natural é anomalo e transitorio.

A historia propriamente dicta expõe a parte phenomental dos seres, isto é, as suas efficiencias no tempo e no espaço, e a philosophia estuda os principios e causas do phenomeno. A philosophia da historia é pois, a nosso ver, a sciencia mãe e universal, porque abrange o estudo do ser em todos os elementos que o compõem.

Quando uma notavel reforma social apparece realzada, ou é promovida e prophetisada, immediatamente o philosopho deve buscar a lei reguladora do facto passado ou da transformação que se prepara, a fim de conscienciosamente conhecer da legitimidade d'esses factos, approvando-os quando forem a realização harmonica do bem, absoluta e temporalmente considerado; proferindo o seu *verdictum* de condemnação, quando esses factos ou reformas são a violação da ordem da moralidade e da justiça, e até mesmo quando a reforma não tenha outro defeito senão o ser intempestiva.

Uma reforma social que envolva um certo ideal na sua fôrma absoluta sem attender ás condições temporaes da sua realisação, póde ser uma utopia mais ou menos innocente; é porém um perigo e um attentado quando envolve a violação flagrante do bom e do justo aniquilando os direitos constitutivos da personalidade humana, symbolisada na ordem serial dos grupos desde o individuo até á humanidade.

## VIII

Todo o ser na ordem geral da criação, quer o consideremos debaixo de ponto de vista individual ou em quanto á serie a que pertence, exerce uma função que lhe é propria e destinada a realizar o seu fim na vida universal. Inverter esta ordem é querer violar a harmonia universal e ir de encontro ao pensamento de Deus, quando elle *ab aeterno quíz* que todo o ser occupasse um lugar, e exercesse funções na criação, attinentes a realizar o seu destino directamente, e indirectamente o pensamento geral da criação.

Esta lei applicavel ao ser observamol-a ainda realizada nos differentes orgãos e elementos que o constituem.

A divisão do trabalho é uma lei incontestavel e reconhecida tanto no mundo physico, como no mundo



moral e social. Esta lei manifesta-se no homem pela especialidade das aptidões, evidente distincção, até no mesmo organismo, de apparatus com funcções proprias e exclusivas, faculdades fundamentaes, com operações e productos proprios tambem, e na mesma faculdade operações e productos secundarios que tambem se não confundem.

## IX

Todo o ser é igualmente importante, se o considerarmos como elemento componente da harmonia universal. Se, porém, considerarmos os seres em relação uns com outros, a igualdade absoluta, ainda na mesma serie, não existe realmente, a não ser nos elementos fundamentaes e constitutivos da unidade individual e series successivas até á ordem geral.

É assim que a personalidade humana é constituída, em todos os individuos da mesma especie, pelos mesmos elementos psychologico-juridicos, que formam a natureza geral do homem, como são a racionalidade, a liberdade, a finalidade propria, o direito de personalidade, o absoluto de apropriação, etc.

As mesmas funcções exercidas por seres ou orgãos differentes variam ainda na intensidade segundo o grau de desenvolvimento do organismo, apparelho,

ou faculdade e fim especial a que se destina, o qual demanda differente intensidade na força da acção.

O homem de estudo precisa d'um grau de desenvolvimento intellectual superior áquelle que se dedica especialmente a uma industria manual, simples e de facil comprehensão.

Esta desigualdade relativa não é um mal, como geralmente se considera; é uma condição essencial á vida e harmonia universaes. Se todas as funções normaes da criação sam necessarias á vida progressiva do grande ser, não menos necessaria é tambem a existencia de organismos e seres proprios a cada uma d'ellas.

A luz do quadro não poderia sobresair sem o escuro. Os mais nobres sentimentos que adornam o coração humano ficariam estereis, e passariam despercebidos, senão fóra o conjuneto de faltas e desgraças, primitivamente filiadas na limitação da nossa natureza, que se observa na vida de muitos homens, e que dão logar ao apparecimento d'essas nobres virtudes que se entrelaçam na frente do homem, e o elevam a toda a altura da sua dignidade.

Muitas desigualdades que se observam na vida do homem e da humanidade, sam para nós outras tantas miragens sociaes, que, consideradas em si, figuram-se-nos ao espirito verdadeiras aberrações, quando na realidade, e em relação ao todo a que pertencem, representam condições de harmonia geral em ordem

a produzirem esse movimento de oscillação uniformemente variado, e que constitue a belleza da vida universal.

A lei do movimento progressivo da humanidade dirige-se, não a *extinguir* estas desigualdades, mas a *modificar-as* por fórma que se não transformem em elementos de aberração e desordem. O excesso de sombra no quadro prejudica o effeito da luz necessaria para a expressão d'um pensamento determinado. Mas quando estes dois elementos se combinam harmonicamente, a arte triumpho e o homem exulta. O mesmo acontece com relação ás desigualdades sociaes. Aqui a *variedade* não póde ser absorvida pela *unidade*, porque estas duas leis completam-se mutuamente.

As superioridades e igualdades sociaes são rigorosamente relativas e nunca absolutas. Estas não existem porque a ordem geral das existencias é solidaria: o mesmo Absoluto é apenas igual e identico a si mesmo.

A finalidade universal e ultima é igual á realização de *todos* os elementos que n'ella se consubstanciam a final; logo qualquer d'estes é igualmente necessario e importante para a completar; logo não ha superioridades absolutas.

Mas esses elementos, ainda no mesmo individuo ou serie, diversificam no grau e complicação de funcções diversas; e estas, ainda as mesmas em diferentes seres

ou órgãos, variam segundo o desenvolvimento das capacidades; logo não existem igualdades absolutas.

Na sociedade não ha pois, absolutamente fallando, individuos inferiores ou superiores pela sua natureza e finalidade, porque os elementos constitutivos sam iguaes e universaes. As capacidades de desenvolvimento variam entre os individuos e os grupos segundo a sua organização, aptidões e fim proprio; logo não ha igualdades absolutas. Pelo que as superioridades e igualdades sociaes sam unicamente relativas ao maior ou menor desenvolvimento organico, intellectual ou moral de cada um dos homens. Estes titulos de superioridade relativa, hão de ser sempre inviolaveis e reconhecidos no intimo da consciencia de todos, ainda quando as instituições absurdas ou a torrente das commoções violentas pareçam querer aniquilal-os. É uma lei de harmonia que os factos podem contrariar, mas que a razão esclarecida e o senso geral da humanidade hão de reconhecer sempre.

## SECCÃO SEGUNDA

### Socialismo em geral

#### SUA EVOLUÇÃO HISTÓRICA

Il n'y a de durable, que  
ce qui est fondé sur une  
saine methode.

V. COUSIN.

A exposição critica dos factos e instituições sociaes, na ordem successiva dos tempos, é a historia do pensamento humano. O philosopho, nas suas observações analyticas, collige os factos constantes e invariaveis, e eleva-se ao conhecimento da sua *causa* e *lei*, induzindo e generalizando. D'aquelles que se apresentam como anomalos e subversivos deduz elle por absurdo a verdade dos oppostos.

A apreciação dos desvarios da intelligencia humana suppõe a existencia de normas, que se traduzem nas manifestações contrarias a estes desvarios.

Quando o espirito, desligado de apprehensões, contempla, sereno, o immenso e variado cortejo de erros, que, nas differentes épochas da vida da humanidade, teem eivado o movimento social, na ordem politica, civil, economica, moral e religiosa, sente-se irresistivelmente attrahido para a verdade, e lamenta no íntimo da consciencia acontecimentos desgraçados, que devem attribuir-se, muitas vezes, á errada e perniciosa direcção dos povos no conseguimento do seu destino racional.

Em Athenas todos os annos era offerecido ao publico o spectaculo de um joven embriagado para inspirar ao povo o desgosto causado por semelhante vicio, e ao mesmo tempo o merecimento da virtude opposta.

É assim tambem que os delirios da intelligencia e do sentimento, attestados pela historia, fazem sobresahir com mais brilho as verdades e virtudes oppostas.

Todas as épochas, no movimento progressivo e ascendente da humanidade, se distinguem por uma caracteristica nas ideias, nos costumes, nas instituições sociaes de qualquer ordem, nas aspirações do movimento perfectivel, etc., e os grandes genios d'essas épochas applicam-se, em geral, á observação dos grandes factos, procurando conhecer o conteúdo das necessidades d'essa mesma época e os meios adequados á satisfação d'ellas.

Os homens que se apresentam á testa dos grandes movimentos sociaes, inspirados pelo amor da verdade e pelo bem-estar e progresso da humanidade, são dignos da apothese, proclamada por todos aquelles que sinceramente desejam a civilisação.

Mas quando, em vez d'estes, alguns desvairados, outros especuladores e ineptos, ambicionando uns o poder e a gloria, não sabendo outros dar mesmo a razão das suas loucuras, mas destruindo todos e todos profanando, como vendilhões, o sacratissimo templo da verdade, da justiça e do progresso; é então que o perigo sobe de ponto, e que todos os que sinceramente amam o progresso devem, em nome da ordem e da justiça, levantar a mais santa das cruzadas contra todos esses que só minam a ruina do edificio social para presenciarem os horrores da catastrophe, e alcançarem a satisfação de ambições, que não conseguiriam, em quanto reinasse o imperio da lei e da ordem.

Os systemas erroneos e incompletos por simples defeito da limitação do espirito humano, desculpam-se, discutem-se, e emendam-se; mas os planos sinistros, acobertados com o nome da sciencia, devem ser repellidos, prevenindo-se os incautos, e derramando-se luz nas trévas.

Um systema de instituições, attinentes a destruir ou remediar as desigualdades e imperfeições sociaes, que parecem ferir o espirito, e que offerecesse um caminho

mais franco á actividade das classes laboriosas, organizando a industria em vastas associações, as quaes, defendendo os operarios contra a concorrência, lhes proporcionem capitaes baratos ou gratuitos, continuidade de trabalho e salarios, repartição dos fructos do trabalho com a igualdade possivel, isenção da miseria; — eis o grande problema social, que em todos os tempos tem merecido a attenção dos homens observadores, e que hoje serve tambem de pretexto a alguns, que só conseguem exacerbar o espirito das massas, proclamando ideias falsas, theorias imprudentes, que podem produzir um cataclysmo, mas não uma reforma.

A destruição ou limitação da propriedade e da concorrência, e actualmente a aniquilação do capital sam os meios de que se tem lançado mão para satisfazer taes exigencias.

Tantos e tão variados teem sido os alvires a este respeito, que não é facil, por certo, reduzir á unidade e harmonia o que, por sua natureza, é irregular, anomalo e transitorio.

Estamos inundados de systemas, os quaes todos, em diversos graus, suppõem que o homem póde enriquecer-se por outros meios, que não sejam o trabalho e a economia; e que a sociedade ha de ser feliz por outros meios sem o respeito dos direitos de outrem, e dos bons sentimentos para com o nosso semelhante. Falla-se muito de fraternidade; mas á pro-



porção que augmenta o emprego da palavra, diminue a realidade dos factos.

«E estes systemas, que deveriam ser simples jogos de imaginação, reinaram um instante no Estado, dominam ainda em grande numero de cabeças, e a mór parte das intelligencias prestaram-lhes mais ou menos attenção.»

Isto escrevia Mr. Chevalier, em 1848, alludindo á revolução d'esta época, e ás terriveis convulsões e desgraças, na ordem politica e industrial, que acompanharam esta medonha entrada em scena do socialismo. E foi tal o terror da França, que preferiu o jugo do imperio a submeter-se á continuação de taes males.

O *communismo* e o *socialismo* — eis as duas grandes cathogorias a que podem reduzir-se todos os systemas que atacam, directa ou indirectamente, a propriedade e a concorrência.

A eschola communista é essencialmente socialista, porque á ordem actual e *natural* das cousas pertende substituir uma organização *artificial*; mas merece um lugar especial n'esta classificação, porque se dirige directamente á destruição da propriedade para extinguir a concorrência.

E as escholas socialistas propriamente dictas, com quanto affirmem, em todas as suas variantes, que querem o respeito da propriedade, chegando até a combater os communistas, nas suas ultimas conse-

quencias caem, mais ou menos directamente, no communismo. Este é franco e apparece á luz com as suas pertencões; o socialismo é um communista disfarçado, conspirando quasi sempre nas trévas.

Uma exposição completa dos variadissimos systemas communistas e socialistas e dos seus resultados sociaes daria margem a volumes, transpondo muito os limites naturaes do nosso trabalho.

Colloquemo-nos, por tanto, nos pontos culminantes, e d'ahi poderemos ver, com admiração e magua, as maiores aberrações do espirito humano, auxiliadas por detestaveis paixões, pela propria religião, pela politica, pelo interesse e especulações mesquinhas.

O systema communista, desde a sua legislação em Esparta até aos deploraveis ensaios de Mr. Cabet, não póde considerar-se invenção privativa de Lycurgo, ou do Philosopho da Academia. O Boudhismo o praticou nos seus conventos, e os Pythagoricos da grande Grecia o suppozeram; Aristophanes o ridiculisou já na scena, no tempo de Socrates. Nos povos primitivos a communidade, especialmente nos bens immoveis, precedeu o systema da propriedade individual; é assim que, segundo Justino, entre os Scythas as bagagens e os gados eram propriedade particular, e as terras propriedade commum. Os primei-

ros Godos que se estabeleceram no Oriente, os Hunos, os Alanos não conheciam, na opinião de Niebuhr, a propriedade dos immoveis. A mesma indiferença se notou nas povoações da America, quando lá chegaram os Europeus, e ainda modernamente se nota o mesmo entre os Tartaros da Asia central, e em muitas nações Africanas, segundo o testemunho de Fergusson.

Os historiadores latinos guardaram piedosamente a memoria d'esses primeiros povos da Italia, entre os quaes um só patrimonio era o patrimonio de todos, segundo attesta Justino; e Lactancio falla, com uma *sympathia christã*, do tempo em que era considerado como impiedade demarcar as terras e dividil-as. A seita dos Essenios entre os antigos Judeos, e depois d'elles os primeiros christãos de Jerusalem, praticaram a commuidade de bens, segundo Joseph; e parecem ter sido imitados ultimamente pelos Jesuitas no Paraguay e pelos notaveis irmãos Moravos.

Segundo Cesar e Tacito, entre os Germanos não havia propriedade fixa; cada anno um magistrado e os *seniores* assignavam uma porção de terra a cada familia, e no anno seguinte passavam-n'a a outros. Igual uso existia, segundo Herodoto, entre os mais antigos Egypcios. Dos Delmatas, nos diz Strabão, que essa mudança se fazia todos os oito annos.

Estes factos, porém, symbolisam apenas o estado primitivo na civilisação dos povos, ou uma época

transitoria de barbaria, para a qual muitos dos reformadores contemporaneos nos pertendem fazer recuar, em nome da razão e do progresso!

Lycurgo e Platão foram os primeiros que desenvolveram esta ideia, aquelle como organização realizavel, este como systema philosophico. Dispôr os espiritos exclusivamente para o gosto guerreiro, e evitar as dissensões internas; — eis os fins a que se propoz Lycurgo no seu systema singular de legislação.

A industria e o commercio foram prohibidos; o seu agente mais activo posto fóra do uso pelo seu peso.

Com a ruina dos mais nobres sentimentos do coração humano estabeleceu-se a communidade das mulheres e filhos.

O exclusivismo mais revoltante substituiu as mais santas affeições da sociabilidade humana, começando pela destruição da familia, a primeira e natural evolução synthetica da humanidade, aonde o homem assimila os primeiros germens da sua perfeição intellectual e moral.

O cidadão, ou melhor o habitante de Esparta, não gozava da liberdade de cultura intellectual. O seu espirito era alimentado por uma doutrina commum, official e restricta absolutamente a certas formulas.

Os banquetes publicos, os exercicios gymnasticos, os poemas e cantos populares e as ceremonias reli-

giosas, symbolisavam façanhas de heroes e feitos de combatentes.

Se os Espartiatas eram legião de guerreiros, que sabiam morrer pela patria, tambem formavam um bando de escravos, sujeitos cegamente á vontade da classe aristocratica, vontade esta que era a lei: esta era tudo e o homem nada.

A republica de Platão é um systema mais sincero e mais consequente; é um resultado social da sua philosophia anthropologica.

Partindo da ideia abstracta e fundamental de justiça, procurava a realização d'esta ideia no mundo exterior.

Sendo Deus o objectivo d'esta ideia typo, o homem deve procurar a approximação do ideal a ponto de o imitar.

Contra a realização da *harmonia e numero*, que Platão considera como elementos fundamentaes da vida individual e social, encontra este philosopho o antagonismo eterno do individuo e do Estado: as causas d'este attrito sam a propriedade e a familia.

É pois necessario abolir estes dois elementos de desordem.

As leis não se devem limitar á punição do crime, devem *ordenar e regular* a pratica da virtude.

A politica deve ser o governo paternal das almas. Os reis para Platão, sam, como para Homero, os *pastores dos povos*.

As magistraturas *politicas* deverão ser substituidas por magistraturas *moraes*.

Logo que os sabios não sejam reis, e estes não sejam philosophos, não existe remedio aos males da humanidade.

O Estado será bem governado, quando o povo estiver sujeito aos guerreiros, estes aos magistrados e estes ás leis.

A legislação, porém, não é um composto de formulas frias, despoticas e impassiveis; mas sim o resultado e applicação equitativa da sabedoria.

O sabio, só, póde inspirar pelo exemplo a abnegação das riquezas, o dominio das paixões e a pratica das virtudes.

A igualdade absoluta deduz-se da eterna justiça: logo a missão soberana do Estado consiste em dispôr sabiamente das pessoas e bens, em ordem a realizar aquella ideia; e, porque a propriedade individual é um motivo d'exclusivismos, o Estado deve fazel-a desaparecer, ordenando uma distribuição igual por todos os cidadãos, como um pae deixa a seus filhos um patrimonio *igual*.

As desigualdades individuaes e de classes é um mal, uma imperfeição transitoria: logo não serve de base a um systema social harmonico e constante.

A justiça é *uma*: logo a sua applicação deve tambem ser uma para todos os homens; porque é a sua lei *commum*.

Mas esta unidade absoluta do Estado não destroe a divisão de funcções do mesmo; d'ahi a divisão em classes, com funcções proprias e subordinadas como as partes d'um organismo, e não com o caracter de privilegio e exploração d'umas por outras.

O Estado precisa de pensar, deliberar e dirigir; os sabios exercem esta funcção, a primeira e a mais nobre.

Sam tambem necessidades do Estado — viver, — defender-se — e realizar o pensamento e vontade dos sabios.

Os artistas e lavradores satisfazem a primeira, — os guerreiros a segunda, — e os magistrados a terceira.

No Oriente a primeira casta é sempre sacerdotal e theocratica; na republica de Platão a primeira classe é composta de sabios; é uma classe philosophica.

A classe dos trabalhadores aqui não é servil como além; obedece sim ás outras, mas como ellas sam inspiradas pela sabedoria, a sujeição é suave e digna.

Desde o discipulo de Socrates até Baboeuf não faltaram escriptores, que, mais ou menos impressionados pelas ideias de Platão, reproduzissem plagiariamente os seus principios, mas com tal exaggeração, que os seus systemas por si mesmo se destruiam.

Um eminente personagem do seculo xvi, estadista celebre, e um dos mais habeis escriptores do seu

tempo, Thomaz Móro, reproduzindo as ideias de Platão, compôz a sua *Utopia*, ou republica ideal.

Ao passo que Platão mirava especialmente, a realização d'um plano d'ordem e harmonia, sem mostrar muito sentimento pela classe dos fracos e miseraveis, na *Utopia* encontra-se pelo contrario um sentimento de verdadeiro interesse por todos os que soffrem, e uma sympathia para com os males da sociedade.

A ideia principal da *Utopia* é a critica da propriedade, e a descripção imaginaria d'um estado, em que tudo fosse commum, visto que a desigualdade, a ociosidade e a discordia sam os resultados da propriedade.

N'este systema não existem classes. Todos podem defender o Estado e governal-o.

Na republica de Platão o governo é aristocratico-philosophico. Na *Utopia* o principio fundamental do governo é a eleição. Existe apenas aqui uma ideia aproveitavel, e é a santificação do trabalho manual; é um titulo d'honra; todos o devem exercer.

Afóra este pensamento, tudo o mais é um sonho, quando não é um perigo demagogico.

A *Cidade do Sol* do frade Campanélla é uma cópia da *Utopia*, inspirada ao mesmo tempo pela lembrança da *Republica* de Platão, e pelo espectáculo dos conventos catholicos. A *Utopia* é uma republica popular; a *Cidade do Sol* é rigorosamente uma republica theocratica.

Campanélla organiza o governo civil, economico e



politico, pelo modelo da *Trindade philosophica*, que é a base da sua metaphysica.

Na cupula do Estado está o Sol, ou o Metaphysico, o qual, como Soberano Pontifice, possui a sciencia universal e soberania absoluta.

Isto corresponde em metaphysica ao *Ser* ou substancia primeira.

Sob a influencia d'este magistrado, tres outros, soberanos tambem na sua esphera, governam d'uma fórma absoluta; denominam-se — *Poder* —, *Amor* — e *Sabedoria*. O primeiro dirige todos os negocios relativos á defeza e á guerra; o segundo promove tudo o que diz respeito ao desenvolvimento da especie; e o terceiro tem a seu cargo as sciencias, as artes e a educação.

Na *Cidade do Sol* a comunidade vae mais longe do que na *Utopia*. N'esta unicamente é abolida a propriedade; n'aquella a familia tem tambem a mesma sorte.

Comunidade de bens, mulheres e filhos; as relações mais naturalmente livres da especie humana, os direitos do coração e a dignidade das affeições, sujeitos a uma inspecção e policia curiosa e tyranica; eis um systema, digno da imaginação d'um frade italiano, vinte e sete annos captivo, que se lembra de policia a junção matrimonial como a libertinagem do lupanar!

Escusado é proseguir nos sonhos de Munzer, Har-

rington, Morelly, Baboeuf e outros, os quaes, com variantes na fórma e applicação do mesmo principio, apresentam a mesma loucura.

Ao lado da grande e capital aberração do communismo apparecem os socialistas, admittindo (dizem elles) a propriedade individual, mas fazendo uma guerra de morte ao capital e á concorrência, os dois inimigos do trabalho e as causas unicas do proletariado e miseria das classes laboriosas.

Revoltam-se contra os communistas, mas atacam traiçoeiramente a propriedade, modificando-a, corrigindo-lhe os effeitos por meio da *associação*, a *reciprocidade* e *direito ao trabalho*.

Fichte funda a organização pratica do seu systema socialista na auctoridade.

Segundo elle e toda a eschola de Kant, o direito consiste na limitação reciproca da liberdade de cada um, por fórma que a liberdade de todos possa co-existir n'uma esphera commum. O poder social realizando praticamente este principio, é evidente que a organização do trabalho está naturalmente ligada á do Estado, que exerce aquelle poder.

Todos devem declarar oficialmente a profissão a que se destinam, porque não pôde haver no Estado occupação ou profissão, sem que seja préviamente auctorisada.

Cada um pôde escolher a profissão que lhe convenha; entretanto o Estado deve vigiar, que o nu-

mero dos que exercem cada profissão, se não ache em desproporção com as necessidades da sociedade, aliás os que seguissem certas profissões não poderiam viver.

N'este systema garantá-se a justa retribuição do trabalho: — 1.º estabelecendo um certo equilibrio entre o numero dos productores e dos consumidores; — 2.º fiscalizando a actividade dos operarios; — 3.º occorrendo ás necessidades individuaes, procedidas de uma inacção involuntaria.

Comprender todas as especialidades da industria, da agricultura e do commercio; conservar em justo equilibrio interesses, que se confundem ou luctam; regular os preços; avaliar os productos; arbitrar as quantidades; inspeccionar as qualidades; mediar constantemente entre os operarios e fabricantes; velar sobre as transacções; — eis a missão da auctoridade — i. é — o absurdo, o impossivel!

E, quando era esta a direcção, tomada pelo genio de Fichte, cuja doutrina, em relação ao espirito geral do seculo XVIII, era um protesto violento contra o materialismo, e uma affirmação energica da actividade do *eu* e da liberdade moral, não admira que os setarios da *destruição da sociedade*; da *maldade intrinseca da natureza humana*; do *homem machina*; e do *materialismo puro*, entre outras concepções arriscadas do seculo XVIII, fossem exageradamente socialistas?

Os sectarios d'Owen, de Saint-Simon e de Fourier concordam n'um ponto commum: todos elles, aparte a fórma, se propõem organizar *por empresas feitas em commum* os trabalhos separados, substituindo a *associação* á *concorrença*. Divergem, porém, na organização do systema de associação.

Owen, partindo da ideia da communiidade absoluta, quer que os grandes centros manufacturarios sejam substituidos por pequenos centros multiplicados, d'onde seja banida toda a ideia de superioridade, por fórma que reine a mais completa igualdade, não se attendendo nem á intelligencia, nem á moralidade, nem á fortuna; pelo que serão recebidos debaixo d'uma igualdade absoluta o indigente e o millionario, o inepto e o homem de genio, a virtude e o vicio, figurando apenas o individuo intrinseco!

Saint-Simon, porém, julgava absolutamente injusta esta pretendida igualdade. A eschola sansimoniana, tomando por base a desigualdade natural dos homens, apresentou a seguinte formula: — *«a cada um, segundo a sua capacidade; a cada capacidade segundo as suas obras.»*

Admitte como Owen, que todos os bens, terra, e capitaes devem ser disfructados em commum; constitue, porém, a sua associação d'uma fórma jerarchica, querendo, que o trabalho de cada um seja a expressao da sua capacidade, e a riqueza a medida das suas obras.

Os chefes encarregam-se de apreciar as obras, e classificar as capacidades. As garantias da sua imparcialidade e competencia cifram-se no amor e philantropia que os anima; as fortunas são transitorias; *a herança é banida*; tudo volta ao chefe depois da morte de qualquer dos membros da associação.

O — *Nouveau Christianisme* — de Saint-Simon é inquestionavelmente o escripto mais arrojado que o genio d'um só homem tem produzido. Sem elle, o socialismo não se elevaria talvez tanto em frente da eschola economista.

Ouçamos algumas phrases do — *Novo Christianismo*.

«O Christianismo é uma religião divina: tem uma parte mudavel, humana e perfectivel, outra fixa, divina e invariavel.

«A theologia, a sciencia do dogma e do culto — eis a parte progressiva e mudavel; — *os homens devem tratar-se reciprocamente como irmãos*: — eis o grande e sublime principio immudavel e eterno.

«Esta ideia, que é a base da moral universal, serve tambem para fundamentar a sciencia social. Se todos os homens são irmãos, devem organizar a sociedade em ordem a melhorarem, o mais prompta e perfectamente, a existencia physica e moral da classe a mais numerosa e mais desgraçada — o proletariado.

«A fraternidade humana é o principio mais vasto

para fundamentar uma boa organização social. O Christianismo deve ser a religião universal.

«Mas, para restabelecer o christianismo, adulterado pelo Catholicismo e Protestantismo, é necessario restituir-lhe um lado material e sensivel, cuja falta o tem tornado esteril. O — *regnum meum non est hoc mundo* — determinou na religião romana uma luta eterna entre a materia e a intelligencia, o corpo e o espirito. Esta luta deve cessar. A distincção entre o espirito e a carne produziu um duello de dezoito seculos entre o espiritual e o temporal.

«O San-Simonismo não admitte este duello. O sacerdote de Saint-Simon deve procurar a harmonia da carne e do espirito, santificando uma pelo outro.

«Jesus Christo preparou a fraternidade universal; Saint-Simon veiu realisal-a. A Igreja universal vae apparecer; o reino de Cesar acaba. A Igreja universal governa o temporal e o espirital.

«A sciencia é santa, como a arte e a industria.

«Sacerdotes, sabios e industriaes —, eis a sociedade inteira. Os chefes dos sacerdotes, dos sabios e dos industriaes, — eis o governo. A humanidade será uma familia de irmãos.»

Com effeito, depois da revolução de 1789, o apparecimento do San-Simonismo é realmente o facto mais saliente dos tempos modernos.

Eis um systema, que, á força de ver o mal no dua-

lismo, e o bem na unidade, destruiu a *individualidade*, inaugurando o pantheismo na religião, na moral, na sciencia, na politica, na arte e na industria.

A hypothese contraria, fundada especialmente na *variedade*, foi estabelecida por Fourier.

Cousa alguma existente é precisamente má. Nenhum dos elementos sociaes é vicioso por si; estão collocados em falsas relações. Mudadas estas, para logo ao cáhos succederá a ordem; á lucta a emulação; ao antagonismo a harmonia.

Os sectarios de Fourier não adoptam a abolição da herança, como os San-Simonianos, nem a comunidade dos Owenistas.

Concordam, porém, no trabalho por associação, conservando todavia a cada socio a sua propriedade individual, e o direito perpetuo de a transmittir a seus herdeiros, com todo o augmento, que tiver recebido. Em commum só exigem a habitação e o consummo das cousas.

O nosso insigne publicista, o sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, não se esqueceu, em seus vastos e profundos trabalhos, de attender ao melhoramento das classes operarias, no seu *Projecto d'Associação para o melhoramento da sorte das classes industriosas*, publicado em Paris em 1840.

Organiza elle a esphera industrial n'um corpo *independente* do Estado. A associação geral é dividida em gremios; cada gremio é composto de profissões

unidas pela analogia dos processos, identidade de materias primas, ou communitade d'interesses.

No districto o membro da associação, primeiro classificado pela sua aptidão, seria o representante na assembleia districtal; os immediatos, na primeira metade da lista, comporiam as notabilidades da secção.

A assembleia central dos gremios reunir-se-ia na capital do Estado. Haveria uma direcção geral para os interesses geraes e communs dos gremios, e outra para a gerencia de cada um dos mesmos gremios. As assembleias das secções e dos gremios fixariam a tarifa dos salarios; a distribuição dos lucros e perdas; as quantias que deveriam ser postas á disposição das direcções para adiantamentos ou emprestimos. As direcções fariam a aquisição e entrega das materias primas e utensilios; assim como proveriam aos meios de consummo dos productos, tanto dentro como fóra do paiz.

Todo o individuo, que não tivesse rendimento ou salario algum, pertenceria á classe dos *pensionarios*, *permanentes* ou *temporarios*, conforme estivesse absolutamente impossibilitado, ou só por molestia curavel ou falta de emprego, e isto para o effeito de receberem um subsidio sufficiente para a sua subsistencia.

A *associação* livre é a base d'este systema: o governo tem apenas a intervenção officiosa, bastando a



protecção que as leis de todos os paizes concedem aos contractos licitos.

Estes e outros trabalhos do mesmo auctor, sem uma ideia absurda ou contradicção, deixam ver, a despeito mesmo das criticas ridiculas de Mr. Proudhon, no sabio portuguez um dos primeiros publicistas da Europa, se é que não excedeu a todos os do seu tempo.

Cinco annos depois da publicação d'este trabalho, appareceu Mr. Louis Blanc (em 1845) com a sua *Organisation du Travail*, escripto destinado a acabar com a concorrência, por meio da associação das classes operarias debaixo da direcção do Estado; e é este um dos defeitos fundamentaes d'esta theoria.

O sr. Silvestre Pinheiro organiza um poder industrial; Mr. Louis Blanc absorve o Poder industrial no Poder civil, ou no Estado: a consequencia do primeiro systema é a independência ao menos da esphera industrial; a do segundo a sua sujeição absoluta ao governo.

O Estado é o regulador da produção; pela sua concorrência faz desaparecer as industrias particulares, que não podem competir com elle.

Abstrahindo da acção do governo, Mr. L. Blanc seguiu uma ordem d'ideias muito semelhantes ás do sr. Silvestre Pinheiro, até mesmo em quanto á existencia d'um banco, ao systema de educação, ás succes-

sões, revertendo os bens para a associação, na falta de successor, etc.

É certo, porém, que no systema de Mr. L. Blanc encontram-se lacunas, que não apparecem no do sr. Silvestre Pinheiro, como em relação á fonte, aonde o Governo ha de ir buscar os meios necessarios para as despesas e costeamto do fabrico, sobre a auctoridade que deve fixar os preços, etc.

Finalmente apparece o genio de Proudhon, levantando todas as questões sociaes sem resolver nenhuma, genio observador e original, mas excentrico, dado á abstracção pura, destruidor e polemico.

Dirigiu-se directamente á propriedade, que pertendeu obstruir:

*Propriedade — proporcionalidade — e soberania* — sam as bases da sociedade, porque representam o *direito*, a *igualdade verdadeira* e a *ordem*. A isto oppõe Mr. Proudhon a *posse*, a *igualdade absoluta* e a *anarchia*.

O direito d'occupar, possuindo, é só para o effeito de usufruir, e o trabalho não é fundamento da propriedade; é apenas o signal sensivel, pelo qual a occupação se manifesta. A propriedade é a *these*, ou evolução primitiva e generica do ser; a *communidade*, negação da propriedade, a *antithese*; a *liberdade* é a *synthese*.

A posse deve substituir a propriedade. Não tendo

os inconvenientes da commuidade, por isso que é individual; nem os da propriedade, porque exclue a renda e o juro dos capitaes, a posse assegura o reino da igualdade.

Só Deus é proprietario da terra, na phrase de Moyses; o homem é apenas um usufructuario, um colono, um estrangeiro, a quem Deus a concede.

A posse é pois um facto social e do dominio do publico — i. é — da sociedade, que é o primeiro occupante e não o individuo.

## PORTE ESPECIAL

A revolução não deve ser um  
circo de feras, mas um torneio



## SEÇÃO PRIMÉIRA

# PARTE ESPECIAL

A revolução não deve ser um circo de feras, mas um torneio d'intelligencias.

\*\*\*

## SECCAO FIMMERA

# PARTE ESPECIAL

A revolução não deve ser um  
acto de força, mas um trabalho  
d'intelligencia.

## SECCÃO PRIMEIRA

**O socialismo contemporaneo nas suas pretenções.**

«Abajo todo lo existente»: —  
eis o grito sinistro, em que se  
resume o programma dos revo-  
lucionarios da nossa época.

PINHEIRO CHAGAS.

Não já decorridos quasi dezenove seculos, desde que o Homem Deus proclamou do alto do Golgotha para todos os homens, sem distincção de classes ou de fortunas, o sacratissimo dogma triño da Liberdade — Igualdade — e Fraternidade. Mas este patrimonio divino, que ficára para ser dividido irmãmente por todos os membros da grande familia humana, tem sido usurpado injustamente pelos fortes e felizes, com grave damno dos fracos e miseraveis.

Foram destruidas as castas, mas a escravatura permaneceu ameaçadôra. A caridade christã pôde quebrar as cadeias, que roxeavam os pulsos do escravo,

dando a este e ao seu senhor o mesmo Deus, e o escravo foi transformado em *servo*. A final o *servo* pôde emancipar-se, e, quando se julgava no termo da desventura, eis-o mais desgraçado e oprimido que nunca.

Vêde o *proletario*, cuja sorte não é invejada pelo Paria, pelo Ilote ou pelo *servo* Gaulez, porque estes, ao menos, podiam *viver trabalhando*, ou *morrer combatendo*.

Que importam a liberdade e a fraternidade, se a igualdade é ainda um sonho para os desvalidos?

Que importa a vinda do Redemptor, se os infelizes ainda esperam pela Redempção?

Seja abolido o proletariado: desapareçam as desigualdades sociaes, acabe-se com a miseria; e os males da humanidade cessam; começará então o reino da igualdade; a justiça não será então uma palavra vã; a felicidade será de todos; e a terra e o céu hão de exultar.

Eis a terra da promessa para onde o Socialismo contemporaneo dirige os seus milhões de escravos, fugidos á oppressão d'alguns exploradores.

O Socialismo d'hoje é o protesto dos que soffrem contra a organização economico-politica e actual da sociedade, que os aniquila juridica e economicamente. É a reclamação da justiça e da igualdade do pobre contra o rico, do desvalido contra o poderoso.



Por um lado senhores, aristocratas e capitalistas; do outro escravos, servos e proletarios!

Estava reservada para o seculo XIX a honra d'esta lucta, porque este é o seculo das grandes reivindicações.

N'este seculo scientifico e positivo, o povo proletario, depois de completamente illudido durante centenaes d'annos por falsas promessas de melhora-mento, que nunca se realizavam, da parte dos reis, dos sacerdotes e dos poderosos, convenceu-se a final, que não era d'essas classes, interessadas na sua miseria, que podia esperar a felicidade, mas só de si, pelo seu esforço e união fraternal.

O povo accordou do seu profundo lethargo: uma voz intima lhe bradou na consciencia, que os seus filhos tambem eram homens, e, como taes deviam conquistar para si na sociedade o logar que compete a homens livres, dignos e felizes.

Porque motivo aquelles, de cujas mãos sae todo o trabalho — i. é — toda a producção, toda a riqueza, todas as condições primarias do progresso e da illustração, vivem na miseria, na ignorancia e na abjeção? E porque é que a *ociosidade* — i. é — a propriedade e o capital, *que nada produz*, tem a melhor parte do sol e da luz, em quanto que a actividade, que tudo fecunda, vegeta n'uma obscuridade humida e doentia?

Consultae a Justiça ácerca d'esta impia desigual-

dade, e ella vos dirá, que a sociedade desde ha muito que está constituida sobre uma base injusta, que, em vez de produzir o melhoramento das condições de vida para todos, serve só para o engrandecimento d'alguns á custa do maior numero.

O maximo egoismo substitue a fraternidade em todas as relações sociaes. O mundo representa o doloroso quadro d'um campo de batalha, aonde os vencedores despojam os vencidos, que eram seus irmãos, mais fracos e desventurados.

Está, por tanto, travada a lucta. Duas bandeiras inimigas se apresentam — o *Capital* e o *Trabalho*: d'um lado aquelles que, *trabalhando, produzem*; do outro lado aquelles que, *sem esforço*, vivem do trabalho dos primeiros.

O capitalista diz ao trabalhador: se queres viver e produzir, aceita submisso as minhas condições, recebe a minha lei, sê o meu servo: eu apreciarei o teu trabalho, darei por elle o *que entender e quizer*, serei o teu director, o teu amo, o teu tyranno. Se essas condições te parecem duras, crueis, inadmissiveis, deixo-te n'esse caso a liberdade de morrer de fome, a liberdade da inanição!

A *concorrença* e o *salario* põem o trabalho á mercê do capital; e este, sentindo-se forte, deixa apenas ao trabalhador o sufficiente para não morrer — i. é — para poder continuar no trabalho.

A *sciencia economica* demonstra, que isto é monstruoso e transitorio.

Quem trabalha deve receber o *producto integro* do seu trabalho, que é seu e lhe pertence *in totum*, porque foi *produzido exclusivamente* pelo seu esforço. Receber uma parte só, e essa desfalcada, minguada e reduzida miseravelmente, é um roubo que se lhe faz.

Este roubo, com quanto não seja voluntario e intencional, não deixa de ser uma usurpação aos direitos do trabalhador.

O capital e o trabalho não sam dois factores *iguaes* no phenomeno da producção; não podem, pois, ter direitos iguaes.

O valor e a riqueza é apenas o producto d'um d'elles — o trabalho: o capital é intruso e parasita.

É isto o que ensinou o grande pensador popular, o propheta do proletariado, Proudhon.

O capital, por si, é esteril; a terra, as machinas, o dinheiro, por si, nada produzem: só o trabalho, lançando mão d'esses instrumentos, lhes dá valor, poder, vida e fecundidade. *Sem capital, o trabalho pôde ainda ser productivo*; mas o capital, sem trabalho que o vivifique, é apenas materia inerte, esteril e morta.

A riqueza é o trabalho materializado — i. é — transformado em producto. O capital é apenas um instrumento d'essa producção.

Mas a sociedade está organizada por uma fórma inteiramente opposta a estes principios; logo a viola-

ção das leis naturaes é permanente, a sociedade não póde continuar assim.

O salario não é mais do que o pedaço de pão negro e corrupto, que o capital atira ás mãos do trabalho para que de todo não succumba; é a fórmula legal e *civilisada* do despotismo dos ociosos sobre as classes operarias. O salario é a degradação de quem o recebe, porque é insignificante e está muito áquem das necessidades do operario e da sua familia.

A legião avida e parasita dos capitalistas e proprietarios, monopolizando os instrumentos do trabalho e o crédito, dicta as leis ao trabalho; impõe-lhe um jugo intoleravel; calca aos pés os direitos sagrados do trabalhador; e suga a melhor e maior parte da producção, que é *filha exclusiva* do trabalho. O capital é o rei do mundo; é o deus d'esta sociedade corrupta, feito á imagem d'ella, e por isso como ella corruptor, injusto e tyrannico.

O salario, symbolizando todas as miserias da sociedade actual, será de futuro o grande acto de accusação e corpo de delicto contra essa sociedade, que a consciencia popular já hoje vae condemnando.

Quem possui um capital, *accumulação do trabalho anterior, tem direito a elle*. Mas, se esse capital não produz, mas sómente torna possivel a producção, a sua monopolisação nas mãos d'alguns individuos, é uma injustiça flagrante. A *gratuidade* dos capitães e a sua *liquidação social* farão com que os mesmos não

se accumularem rapidamente nas mãos d'alguns, para não absorverem a maxima parte do producto, que pertence ao trabalho, votando as classes trabalhadoras á miseria e á eterna dependencia do salario e da concorrência.

Seja garantida a propriedade filha exclusivamente do trabalho; arranquem-se todos os capitaes activos ao monopolio dos individuos; constitua-se com elles o patrimonio da humanidade ao dispôr de todos os trabalhadores.

O capital seja gratuito, e disponivel para cada um, e, para isso, não pertença a ninguem particularmente, mas á collectividade. O individuo *usa, não dispõe*.

A collectividade laboriosa organiza-se por associações, que se entendem fraternalmente, estabelecendo um systema universal de bancos de circulação e troca, e permutando assim directamente os productos; suprimem a especulação, o commercio e a agiotagem, realizando d'este modo o *desideratum* da sciencia economica em materia de trocas — a venda a *preço de custo*.

Eliminada definitivamente a desigualdade economica, segue-se, como corollario, o desaparecimento da desigualdade moral e politica, representada pelo regimen das classes, que monopolisam o *poder politico*.

Classes *altas* e classes *baixas*, classe proprietaria e classe trabalhadora; o que é isto senão a persisten-

cia das antigas tyrannias e privilegios, das castas, do patriciado e da aristocracia dos tempos da ignorancia e barbaria?

Pois bem, estas raizes podres do velho mundo arranca-as o socialismo da superficie do mundo novo. Empregue-se a violencia, se tanto for necessario. É a mais santa das revoluções, que teem apparecido á superficie da terra.

## SECÇÃO SEGUNDA

### **O socialismo contemporaneo é a negação de toda a sciencia social, especialmente a Economia Politica**

A ignorancia ou desprezo das verdades astronomicas não compromette o andamento regular dos astros; mas a dos principios economicos póde produzir a ruina das familias e comprometter o futuro d'uma nação.

\*\*\*

A Revolução na sciencia, na arte, nas industrias, na politica, nos costumes e aspirações humanas, quando for methodica, racional, justa e opportuna, é a condição organica de todo o progresso. A Revolução assim é a Reforma. Representa a força progressista attrahindo constantemente o homem para a aproximação indefinida do seu ideal.

Se essa Revolução, pois, se operar pela força da convicção e da consciencia, pelo exemplo da justiça

e da virtude, tendo por bandeira o sincero amor da verdade e da civilisação, a Reforma será soberanamente digna, porque, na fórmula e conteúdo, realiza racionalmente a lei do movimento ascendente da perfectibilidade humana.

Mas quando, em vez de tudo isto, alguns apóstolos da violencia, declamadores insensatos, agitadores mercenarios, pamphletarios ignobeis e sanguinarios, falsos democratas e utopistas loucos desvairam o espirito d'uma certa classe d'individuos, menos favorecidos da fortuna, promettendo-lhes para termo de seus males um Eden de delicias, mas levando-os, como victimas, ao altar do sacrificio, levantado por entre o cáhos, após o cataclysmo, e no meio d'um diluvio de sangue e fogo, a revolução é rigorosamente o maior dos crimes sociaes!

A época que atravessámos é de lucta tumultuaria, cahotica, sanguinaria e sacrilega. E, infelizmente, as reclamações exigentes dos socialistas economicopoliticos do nosso tempo tanto se afastam d'aquella primeira lucta, quanto se approximam da segunda.

A abolição do proletariado, o nivelamento da riqueza e da felicidade igualmente por todos na parte economica, a democracia pura na parte politica, a abolição emfim de todas as desigualdades sociaes — eis o vellocino, a cuja conquista se dirigem os argonautas sociaes da actualidade.

D'estes, poucos sam os sinceros.



Desculpemos a sua ingenuidade infantil. A maior parte, porém, já o dissemos, outro é o fim a que se destinam.

Expansão de gloria, satisfação d'ambições ignobeis e impossiveis, aspirações soberanamente egoistas — eis o fito a que miram esses taes, tudo em nome da liberdade, igualdade e fraternidade. Por este motivo tambem a desordem, o roubo, o assassinio, o incendio, a destruição emfim sam os meios preferiveis.

Em vez das miserias e desigualdades sociaes, promettem-nos a summa felicidade material e a igualdade absoluta de condições.

Ouçâmos a voz da sciencia a este respeito.

Deus é a plenitude do ser; logo é o objectivo da perfeição absoluta; logo só *Elle realiza* o bem absoluto.

O ser finito tem como condição organica e fundamental a limitação da sua natureza.

N'esta limitação consiste o mal primitivo, que é essencialmente uma negação. O mal secundario consiste n'uma falsa relação entre a natureza do ser finito e o seu fim, entre os seus actos (quando activo) e a lei que os domina.

O ser humano é *perfectivel*; logo não é, nem póde ser perfeito no momento — a — da sua existencia. E, sendo o progresso, a nosso ver, a *perfectibilidade indefinida*, é evidente que o homem e a sociedade nunca chegarão a realizar o seu ideal.

10 D'outra fórma, a vida — i. é — o movimento progressivo cessaria; e a humanidade deixaria de ter a sua causa final ou razão de ser; não poderia existir, porque a vida é o movimento, e não a inercia ou *equilibrio neutro*.

O ideal tambem tem o seu ideal, que é — *ser sempre o ideal* —; logo o homem póde e deve approximar-se do seu ideal, mas não alcançal-o, identificando-se com elle.

Deus é o objectivo d'este ideal; ora sendo Elle a plenitude do ser, não póde consubstanciar-se com outro ser estranho e diverso em natureza — o finito.

Consequentemente o homem ha de ter sempre imperfeições; ha de sentir faltas constantes; ha de sofrer sempre.

Este soffrimento constante tem sido reconhecido pela consciencia humana em todos os povos, tempos, civilisações, crenças e tradições religiosas. Tem servido de thema aos melancholicos lamentos da poesia lyrica de todos os povos, e modernamente de preambulo aos utopistas contemporaneos.

Physicamente o homem recebeu da Natureza uma organização mais perfeita e *harmonica* do que a dos outros animaes; mas ao mesmo tempo as suas condições d'existencia sam mais numerosas, menos simples, e mais difficeis de cumprir. Em lucta constante com os elementos o homem será sempre o — *roseaut pensant* — de Pascal, esse ser fragil, a quem um grão

d'areia, uma corrente d'ar insalubre, um raio do sol detem, como Pyrrho no meio das suas conquistas, através do mundo physico.

A *racionalidade* — i. é — a faculdade pela qual o homem se eleva ao conhecimento das verdades geraes e abstractas, dos principios, causas e relações das cousas, constitue a *unidade serial do reino hominal*. A verdade é o foco de convergencia, o ideal, a lei organica e fundamental d'esta faculdade. Mas a intelligencia humana não nasce desenvolvida. O trabalho aqui é mais penoso e tem outras difficuldades a vencer, incomparavelmente mais insuperaveis do que no desenvolvimento das faculdades physicas. E no fim de tudo a ignorancia e o erro ficam sendo o mal necessario do nosso espirito.

Deus, creando a razão limitada, sujeitou-a á lei da *causalidade indefnida*, e collocou-lhe ao lado o desejo illimitado de saber, que augmenta, á proporção que se estende o horisonte dos conhecimentos. O homem, quanto mais sabe, mais reconhece o que lhe falta para saber. O maior sabio é o que vê *mais longe* a profundidade do abysmo. Ora este estado, este vacuo, que só poderia ser preenchido pela sciencia absoluta, é uma privação de bem, um *mal relativo*.

Que horisonte indefinido de aspirações se não estende diante das affecções da natureza sensivel, especialmente o sentimento, e que o homem está sempre bem longe de attingir! É talvez n'esta parte

que mais se mostra no homem a aspiração para o infinito, e em que sentimos mais faltas, contrariedades e decepções, que estão sempre na razão directa da perfeição do sentimento.

Relativamente ao mal moral, podemos aceitar o principio geral de que — *nemo libens peccat*. A vontade é em geral sollicitada e até arrastada para a transgressão da lei moral por motivos d'interesse, paixão, vicio, desejo, etc., o que tudo se acha em opposição com o *motivo racional* das volições — o *bem real* — a *ordem* — o *dever*. Esta contradicção está em a nossa propria constituição.

Sempre o antagonismo da paixão e da razão, do interesse e do dever; sempre o homem em lucta para realizar *livremente* o bem — i. é — só pelo motivo do proprio bem, como já affirmamos em outra parte.

A vida do homem é e será sempre uma lucta que lhe ha de dar dignidade, quando vencer pelo trabalho e pelo soffrimento.

Digâmos a verdade. O Christianismo é a synthese de tudo o que ha de nobre e grandioso no homem moral. Instituição alguma sobre a terra penetrou mais intimamente nos profundos mysterios e necessidades do coração humano. Por isso os maiores adversarios da divindade de Christo, confessam que elle pelo menos foi o primeiro philosopho que tem apparecido á superficie da terra.

Quando leio as edificantes maximas de Hillel, uma

carta de Seneca, uma dissertação de Epictéto, e mesmo uma pagina de Marco Aurelio, o mais christão dos Estoicos, admiro a sublimidade de uma moral tão nobre e irreprehensivel; mas quando leio em seguida o sermão do monte, não encontro cousa que com isto se pareça.

Ora o Christianismo, que recebeu o homem como elle é realmente, apresenta-nos o *Ser Supremo* como o ideal d'amor e do *sacrificio*, attrahindo o homem á pratica da virtude pelo exemplo do Salvador, *sacrificando-se* esperançado, não em um premio de delicias, mas n'uma *corôa de martyr*.

Que outra cousa significam essa noute d'angustias e supplica no jardim das Oliveiras, o beijo traidor, essa torrente d'injurias, a cruz aviltante, o supplicio entre dois ladrões, o ultimo suspiro, e o ultimo perdão; o que symbolisa este supremo mysterio da Paixão, senão que a vida humana é, no fim de tudo, uma dôr, um soffrimento?

Soffrimento divinizado, em certo modo, por Deus, que tambem quiz soffrer, gemer e morrer na pessoa do Homem Deus. N'isto se distinguem o Evangelho e a antiguidade, que fazia consistir o bem em evitar toda a dôr.

Organize-se a sociedade debaixo de qualquer nova fórma, o reformador encontrar-se-ha sempre a braços com os mesmos elementos rebeldes, as mesmas paixões, os mesmos desejos desordenados, espiritos sem-

pre ignorantes e rebeldes ao dever e á lei, indocéis e incapazes d'obediencia a não ser pela coacção.

Imagine-se o apogêo do aperfeiçoamento social, a cessação de todas as luctas, a conciliação de todos os interesses, uma repartição de bens de fortuna mais equitativa, em ordem ao bem-estar das classes sujeitas ás privações e á miseria; succeder-se-ia um mau estar, uma especie de vacuo, um desgosto que acompanha a satisfação das necessidades physicas.

As exigencias seriam mais violentas, e a natureza voltaria ao estado anterior.

Mas, admittindo a realidade do primeiro estado, haveriam sempre dôres para consolar, miserias a socorrer, soffrimentos inevitaveis e males irreparaveis; e isto porque reforma alguma pôde eliminar a limitação da natureza humana.

Que importa que Condorcet sonhasse com a immortalidade do corpo sobre a terra? Por ventura as sciencias medicas realizaram já, ou poderão jámais realizar este sonho?

O homem nunca verá extincta esta sêde ardente de saber; a sciencia terá sempre problemas insoluveis; o mundo mysterios insondaveis.

A duvida será sempre o seu tormento.

O homem tem sempre pena do bem que perdeu; deseja o que não tem; e teme perder o que possui.

Sem acreditarmos por fórma alguma no optimismo professado, por quasi todas as grandes escholas da

antiguidade, e principalmente na Academia, no Portico e na eschola de Alexandria; na idade media por S. Anselmo e S. Thomaz; nos tempos modernos por Leibnitz e Descartes, na sua meditação quarta; sem nos convencermos com Plotino, de que as guerras, as epidemias, as desordens sociaes e a morte sejam um bem em vez de verdadeiros males; sem tambem nos deixarmos possuir pelas exagerações optimistas de Pope, no seu poema ácerca do homem, aonde o mal é sempre compensado pelo bem, sendo que o pobre é feliz no meio da sua miseria, o mendigo julga-se um rei entre os vapores do vinho, o cego dança, o côxo canta, etc., é convicção nossa que os males da humanidade são reaes e verdadeiros, podem e devem ser corrigidos pelos meios adequados e racionaes, modificando e aperfeiçoando sempre.

Fazer, porém, cessar absolutamente o antagonismo; supprimir o esforço; acabar com as desigualdades naturaes e necessarias para a variedade harmonica do homem e da sociedade; obter um desenvolvimento igualmente perfeito, destruindo a desigualdade d'aptidões e capacidades, é uma loucura, um sonho e uma mentira ou um erro de sciencia.

A virtude medir-se-ha sempre pelo esforço; e o merito será proporcional ao sacrificio.

Devemos portanto concluir que os socialistas, ou faltam á verdade das suas convicções, ou se enganam no seu modo de pensar.

*Ex. a. v. g. de A. ...  
de Portugal*

Todos os systemas socialistas, nos seus principios fundamentaes, rejeitam do governo do mundo moral, e especialmente do industrial, a intervenção de leis providenciaes, necessarias e constantes; suppõem que do jogo dos órgãos sociaes, da acção e reacção livres dos interesses humanos, não resulta uma organização natural e maravilhosa, harmonica e progressiva. Propõem-se então organizar, artificial e arbitrariamente, o mundo industrial, como se fôra dado ao homem emendar a obra do Creador, ou se fosse possível conceber que os phenomenos industriaes não estão regulados por leis naturaes, certas e progressivas, que a razão philosophica descobre pela observação e indução e formula pela generalisação. Eis o abysmo que separa a sciencia economica, uma, racional e methodica, do socialismo, vario, contradictorio, arbitrario e transitorio em seus alvitres.

Vejâmos as principaes normas ou leis seriaes economicas, que o communismo e o socialismo transgri-dem violentamente.

O homem, como elemento componente do organismo universal, está relacionado com a natureza exterior em virtude de leis metaphysicas, physicas, chemicas e biologicas. A unidade e a harmonia presidem a todas ellas.

As condições do mundo exterior são essenciaes ao homem para o conseguimento do seu destino racional.



Estas, adquiridas por qualquer titulo legitimo e justo, incorporam-se na personalidade juridica do homem; fazem parte d'ella, porque essa personalidade se reflecte e incarna, por assim dizer, n'ellas.

A personalidade humana é a mais alta expressão da sua *individualidade*.

O individuo tem uma personalidade — i. é — possui uma vida propria, independente mas não isolada d'outro qualquer. Fazendo applicação d'este principio da *individualidade* e da *igualdade fundamental* dos individuos, na mesma serie, segue-se que o individuo — a — não póde absorver o individuo — b —, porque teem ambos uma existência propria; nem póde isolar-se d'elle, porque a *unidade* é a lei que prende as individualidades.

A propriedade primitiva do homem, portanto, está no seu proprio ser.

E, como tudo o que se liga juridicamente á sua personalidade faz parte d'ella, segue-se que as condições do mundo exterior justamente adquiridas, participam dos mesmos privilegios e garantias da pessoa; sam inviolaveis como ella, e constituem a sua propriedade objectiva. Atacar, pois, a propriedade é atacar a personalidade humana; é uma lesão e um crime.

Eis porque a propriedade e a liberdade teem tido os mesmos destinos, e teem sempre sido sacrificadas e reconhecidas conjunctamente e nas mesmas propor-

ções, porque, concretamente considerados, confundem-se.

O communismo systematico e sincero, professado por alguns communistas politicos, quer sejam os *puros, os auctoritarios, collectivistas ou individualistas*, não offerece já hoje margem a discussão séria, porque está definitivamente condemnado pela opinião publica, pela sciencia e pelas mais santas affeições do coração humano.

A familia — i. é — a progressão do ser humano, é o obstaculo eterno á realização do communismo.

Mas o socialismo contemporaneo dirigindo-se, mais ou menos disfarçadamente, á offensa da propriedade, é um communismo hypocrita e traiçoeiro, mais criminoso e temivel do que o primeiro.

Para avaliarmos agora as transgressões scientificas do socialismo contemporaneo, estabelecendo um antagonismo absoluto entre o capital e o trabalho, e pedindo a abolição do primeiro, debaixo do ponto de vista da propriedade, ouçâmos o que ensina a sciencia economica.

Em qualquer evolução do ser activo encontramos tres elementos — *o ser — a finalidade — e a relação.*

A virtualidade, ou poder expansivo no ser, é a resultante da attracção da finalidade, exercida sobre a natureza do mesmo ser. Esta virtualidade manifesta-se sensivelmente pela *necessidade.*

É assim que o homem, debaixo do ponto de vista economico, actua entre dois termos — a *necessidade* — e a *satisfação* —, *pelo esforço*, que symbolisa a *relação* entre o ser e a finalidade.

Este meio que o homem tem a percorrer entre aquelles dois termos, comprehende leis geraes que regulam o esforço, em ordem a identificar e substituir a necessidade pela satisfação. E, assim pôde definir-se a *Economia Politica* — a sciencia das *leis geraes do trabalho*, em ordem á satisfação das necessidades racionais e legitimas do homem e da sociedade.

O esforço produz utilidades onerosas.

N'estas entra sempre uma parte d'utilidade gratuita, representada nas faculdades do agente, materia e forças da natureza, que sam o ponto d'applicação do esforço ou trabalho. A utilidade produzida pelo esforço pôde ser material ou immaterial; ambas teem valor economico.

O esforço, sendo um incommodo, um mal, tende a *diminuir*, e com elle a utilidade onerosa; logo esta desaparece, á proporção que augmenta a utilidade gratuita.

O esforço pôde ser, no todo ou em parte, pessoal ao agente, ou realizado por terceiro debaixo da fórmula de *serviço*. O trabalho, pois, não é um castigo ou condição inherente a uma certa classe, é uma *lei organica* da natureza humana, commum a todos, digna

e nobre. Esta lei manifesta-se na actividade do *eu*, e no movimento vital, constante e harmonico, que anima todos os seres do universo.

O esforço ou o trabalho é a resultante d'uma força d'acção.

Toda a força suppõe — *pontos d'apoio* — e *ponto d'applicação*.

O trabalho é a applicação das faculdades e forças humanas em ordem á producção. Esta é o resultado da acção das mesmas forças actuando sobre a materia ou sobre o espirito, e apoiadas nos instrumentos *exteiores e interiores* da industria.

Os *provimentos* do industrial, os *materiaes*, *propriamente ditos*, *materias primas*, *utensilios*, *reservas d'accumulação de valores*, *edificios*, *agentes e forças naturaes*, *legitimamente apropriadas*, etc., sam os instrumentos *exteiores* da industria — i. é — os seus pontos d'applicação e apoio.

As faculdades *physicas*, *intellectuaes* e *moraes* do individuo, o desenvolvimento e aptidão das mesmas, conhecimentos *theoricos* e *praticos* de qualquer ordem, as mesmas *virtudes economico-moraes*, como a *próbidade* — a *prudencia* — a *economia* — o *genio* do *negocio*, etc., podem denominar-se — instrumentos do trabalho, os quaes, sujeitos á acção d'este, produzem utilidades e valores.

Tudo isto, em linguagem *economica*, se denomina — *capital* — no sentido mais lato e rigoroso do termo.

É o genero, que admitte especies, com todas aquellas denominações, e até com feições particulares e resultados distinctos no movimento industrial.

A producção, pois, é *essencialmente* a resultante d'estes dois factores. O trabalho sem aquelles elementos é uma abstracção pura, sem realidade no espaço e no tempo. O capital sem o trabalho póde conceber-se no seu estado primitivo, mas esteril e immovel.

As producções do homem de sciencia, sam o resultado da applicação das suas *faculdades intellectuaes sobre os principios, causas e relações* dos phenomenos da natureza, apoiando-se nas *ideias adquiridas, methodo d'observação, inductivo ou deductivo* — i. é — *capital e trabalho.*

As producções do operario sam a resultante da applicação das suas *forças, faculdades e aptidões* respectivas, sobre a materia, apoiadas no *jogo e exercicio dos seus orgãos e instrumentos* propriamente ditos — i. é — *capital e trabalho.*

Como é, pois, que a Internacional declama por entre a turba ignara, asseverando, que a producção é a resultante *exclusiva* do trabalho; que a este — i. é — ao operario, deve pertencer por isso todo o producto ?!

E, o que é mais, arroja-se uma proposição d'estas aos quatro ventos do céu, sem uma unica razão que a justifique, sem um argumento que convença.

Para isto, porém, ha uma razão de ser.

As massas incautas e sobresaltadas não se convencem pela intelligencia ; arrastam-se com phrases de estrondo e impressões escolhidas *ad hoc*.

E, já que fallamos na Internacional, vem a proposito enunciar alguns pontos da doutrina, professada por um dos seus mais illustres directores na Allemanha, M. Karl Marx, espirito eminentemente analyticó e erudito, mas transviado infelizmente.

« Vivemos no meio d'uma sociedade *capitalista*, fórma transitoria e inadmissivel.

« As mercadorias, como utilidades, só têm de commum o valor. Esta qualidade não provém da natureza, mas da sociedade.

« A *substancia social, commum a todas as mercadorias, é o trabalho*. Sam, por assim dizer, — *trabalho crystalisado*. Uma utilidade tem valor, porque é *trabalho materialisado*, o qual é a *substancia productora* do valor.

« A quantidade de trabalho, determinada pela sua *duração media* em circumstancias normaes, é a *medida do valor*. O trabalho e a materia natural são os elementos da producção. Na phrase de William Petty, *o trabalho é o pae, e a natureza a mãe*.

« A producção, a circulação e distribuição das mercadorias pela troca de valores —; eis a origem do capital, cuja primeira fórma é o *numerario*. E, quando mais tarde este capital se apodera dos instru-

mentos e materiaes do trabalho, torna-se *mysteriosamente* productivo, porque dispõe d'uma certa quantidade de trabalho, *que não paga*.

«O salario não *paga* o trabalho *materializado*, mas o trabalho — *força*».

No meio d'estes phantasmas e abstracções, é para notar, que M. Marx ligue á industria uma ideia tão grosseira e material, e que a sciencia economica regeitou de si nos seus ultimos progressos. As suas mercadorias são objectos materiaes; o seu trabalho é o *trabalho manual!* Como se o trabalho não fosse patrimonio de todos, e não a condição miseravel do operario.

E então os trabalhos intellectuaes do homem de sciencia, do estadista, do professor, do empresario, do artista, do que administra os seus bens, de nada valem em presença do trabalho manual d'aquelles a quem *ensinam* e *alliciam*, para que *exijam só para si a liberdade e a igualdade!*

A consciencia illustrada de M. Karl Marx ha de por força accusal-o d'esta grave injustiça.

Em quanto á acção do capital na producção, M. Marx exclue este elemento absolutamente, para dar tudo ao trabalho, e quando fala no capital, não só lhe liga uma accepção altamente restricta e vulgar, mas classifica-o d'usurpador, por que só paga o trabalho — *força*, e não o trabalho — *producto*. É

tão notavel esta distincção abstracta, como contradictoria a asserção.

Se, n'esta hypothese, M. Marx admite o capital como elemento de producção, como pertende excluir-o, para dar tudo ao trabalho?

Pois, se este capital produz, porque rouba ao trabalho, é evidente que a este pertence todo o producto.

Escusado é agora expôr tambem as doutrinas de Lassalle, o celebre agitador allemão da actualidade, e discipulo do primeiro.

Com pequenas variantes, o systema é o mesmo.

Ambos consideram o capital como uma *cathegoria historica* — i. é — propria d'uma certa época e d'uma determinada organização social.

«O interesse do empresario e do capital empregado na industria é um roubo. As mercadorias devem valer só o *preço do custo* — i. é — o *preço do trabalho*. O proprio operario não deve receber mais; o capitalista, o empresario deve *trabalhar de graça*, e por fórma alguma *augmentar* os capitaes existentes!

«O trabalho só é o titulo legitimo da propriedade».

M. Lassalle, prevendo já que este systema daria em resultado a ausencia de trabalho, porque o empresario, o capitalista e o proprietario, por certo não estariam dispostos a deixar-se espoliar por esta fórma,



embora cessasse a producção, refugia-se então com os seus operarios na associação universal, *fornecendo o Estado fundos* para que o trabalho podesse alcançar instrumentos, materiaes, etc.

O que, porém, M. Lassalle não diz é se estes fundos do Estado hão de sair do imposto, lançado aos *proprietarios e capitalistas* sobre o *rendimento liquido* das suas propriedades e capitaes.

Os phenomenos da vida economica não podem ser objecto de crenças e preconceitos, mas sim o resultado de leis certas, induzidas de factos bem observados e verificados pela analyse, em ordem ao descobrimento e formação da *serie* respectiva.

Prosigâmos, pois, na enunciação d'alguns principios, cuja applicação condemna como erroneas as exigencias socialistas.

A divisão do trabalho é a condição permanente para alcançar facilidade, e portanto diminuição do esforço, e aperfeiçoamento da producção.

Ora, sendo a producção a resultante dos dois factores — capital e trabalho, em virtude d'aquella lei, não só o esforço, quando *complexo*, deve e póde ser realizado nas suas varias funcções por individuos ou grupos differentes, fazendo-se applicação da lei das *aptidões*, mas, e especialmente nas industrias materiaes, o fornecimento do capital póde pertencer a um ou mais individuos, e o trabalho a outros.

Não repugna, porém, conceber que o mesmo indi-

viduo seja capitalista e operario, o que acontece em muitas industrias conhecidas.

O operario, trabalhando, emprega as suas forças, faculdades e aptidões; logo entra com *capitales*, realizaveis em *serviços*: logo é essencialmente um capitalista tambem em relação á producção: logo não pôde ter mais privilegios do que o capitalista propriamente dito.

Atacar, portanto, o capital, é ferir indirectamente o trabalho.

N'esta associação de esforços e capitales, os lucros devem ser, pelo menos, proporcionaes ás entradas. Ora o lucro do trabalho é *sui generis*. É o preço d'um d'um serviço, *préviamente avaliado e anticipadamente pago* em virtude d'um *contracto legitimo* e consentido, e que a justiça universal não pôde contestar.

É uma *participação* prévia e certa nos lucros futuros do trabalho e capital, sem *risco* de perda e sem a *contingencia* da occasião.

E quantas vezes o empregario, por exemplo, nem sequer alcança o custo do trabalho, que desembolçou?

Se o operario tivesse de esperar pela repartição dos productos, especialmente na industria agricola entre nós, como poderia prover á sua sustentação e da sua familia?

Recorreria a emprestimos? E encontraria sempre

crédito? Sujeitar-se-ia a um juro pesado, proporcional ao risco?

E nem faça duvida a condição do arrendatario, porque este não é um simples operario, mas tem tambem de ser capitalista, no sentido lato, fornecendo sementes, utensilios, machinas, materiaes, etc...; representa o proprietario.

O salario não avilta a quem o recebe, antes é um titulo d'honra para o homem, porque symbolisa a sua actividade, o cunho da sua personalidade. O seu quantitativo não póde taxar-se prévia e arbitrariamente. Depende da lei da *concorrenca* — i. é — a liberdade, da relação entre a offerta e procura, aptidão e desenvolvimento da actividade do operario, debate livre entre o capital e o trabalho, etc.

A *responsabilidade*, não é só uma lei moral, é tambem uma norma economica, fecunda em resultados. Sem ella o desenvolvimento das virtudes economicas, o aperfeiçoamento da industria, o mesmo estimulo ao trabalho seriam impossiveis.

O capital, quer se considere como o *producto de esforços accumulados*, agentes e forças naturaes apropriadas, ou outra qualquer das suas manifestações, envolve sempre a ideia de — propriedade.

O ataque ao capital nos seus lucros, ou por meio d'uma *liquidação social*, será sempre um crime, pois aquelle é tão inviolavel como a propriedade e a personalidade.

Os agitadores modernos, que lembram este expediente, como reminiscencia de 1848, de certo teem tudo a ganhar e nada a perder, porque os proprietarios expropriados, desde o lavrador, a quem tiverem despojado das suas terras, até ao simples artista, a quem tiverem inventariado e extorquido as ferramentas, por certo não se julgarão muito felizes em possuir *cédulas* ou *titulos*, cuja *liquidação ha de realizar-se sem provisão de fundos!*

Feito isto, e consumido o *existente* ao tempo da liquidação, iriamos para as selvas viver de raizes, caça e fructos silvestres — i. é — voltariamos ao estado primitivo! Não devemos perder de vista que tudo isto é promovido em nome do *progresso!*

O capital e o trabalho são *solidarios* — como todas as leis e phenomenos economicos.

Nem o capital póde absorver o trabalho, nem este aniquilar o primeiro. É sempre o apologo de Mennio Agrippa.

A solidariedade é a expressão da *unidade* na variedade.

É uma lei geralmente observada e reconhecida entre todos os seres do organismo universal, e muito especialmente no homem, na parte organica e psychica.

Não póde negar-se a existencia d'uma certa ordem de privações e até mesmo de miseria nas classes, que se entregam ao trabalho manual.

Mas diga-se a verdade toda.

Estas privações, filhas, em regra, da natureza das cousas, existem tambem nas classes medias, e até em grande escala nas classes elevadas.

Quantos homens de lettras, e outros que prestaram relevantes serviços ao seu paiz, e que foram a admiração dos seus contemporaneos, não teem vivido e morrido na miseria, deixando em patrimonio ás familias a simples memoria d'um nome illustre?

E depois os socialistas, além de desiguaes n'estas suas apreciações, mostram só o reverso da medalha; exageram, e alguns com eloquencia, as desgraças d'uma certa classe.

Estas lamentações vão até á lisonja; excita-se uma certa ordem de paixões; e quando o proletario procura a causa dos males, que lhe pintaram com côres tam carregadas, aponta-se para a sociedade, para as *desigualdades* effectivas, para a *propriedade*, para o *capital*, para os que parecem *felizes*.

Toda a causa do mal está fóra do proletario.

Só elle é *irresponsavel*.

Ha dois meios de conseguir a riqueza e a felicidade material, a que aspira o socialismo d'hoje,—a *espoliação* e a *economia*. Prefere-se o primeiro, como menos penoso e mais efficaz para quem o emprega.

Estas doutrinas revelam sobre tudo menos boa fé nos seus auctores.

Com effeito, desde o principio d'este seculo princi-

palmente, tem melhorado consideravelmente a classe dos operarios em geral.

Uma ou outra ordem d'elles, aqui ou além, tem tido seus revezes, e soffrido mais privações, mas estes factos particulares não prejudicam a regra geral.

Os movimentos da industria teem sido prodigiosos. O preço dos productos tem baixado consideravelmente. Ha sempre esta tendencia natural para exagerar; mas as cousas devem ser apreciadas absoluta e relativamente.

Todos os salarios, depois de 1814 teem augmentado um quarto, um terço e metade até.

Leslie attesta, a este respeito, a elevação geral, em toda a Europa, dos salarios agricolas, n'estes ultimos annos. Na Allemanha especialmente, este augmento, a contar de 1854, tem sido de quasi — 100 %! E, apesar da immensa variedade que offerecem na França e Inglaterra, o augmento dos salarios é um facto.

Entre nós este augmento é notorio, n'estes ultimos dez annos principalmente.

O trabalho já não é escravo. O operario d'hoje não é o escravo e o servo, que se movia como instrumento rude com força automotora, capital de riqueza, que se administrava com precaução.

*O capitalista d'hoje pôde muito bem ter sido o trabalhador d'hontem, e o trabalhador d'hoje pôde vir a ser o capitalista d'amanhã.*

Mas para isto não é mister espoliar a propriedade e o capital pela violencia. *Concorre-se* com elle — i. é — o trabalhador, deverá, em nome da sua *responsabilidade e iniciativa individual* aspirar a ser capitalista pela *intelligencia*, -- *previdencia* — *frugalidade e economia*.

A *associação livre* para a formação de capitaes pelas economias, ha de ser a unica fórmula razoavel e admissivel, debaixo do ponto de vista socialista.

Mas a Economia Politica, ou physiologia do trabalho, que justifica este meio, não tem duvida então em ser socialista.

O *direito ao trabalho*, a *partilha dos lucros*, a *reciprocidade de serviços*, a *liquidação social* e a *organização d'um capital colectivo* sam meios, uns chimericos, outros criminosos.

— Guerra ao capital, o inimigo do trabalho. — Pois bem: o resultado será uma troca de papeis. O proprietario e o capitalista passam a ser proletarios e trabalhadores. Depois iremos tambem reclamar; e o socialismo será o nosso guia, porque teremos a nosso favor mais uma razão — a espoliação que soffremos.

Todos aquelles que se encarregam de descrever o estado deploravel das classes laboriosas, de proposito, para ferirem a imaginação do leitor, confundem a *pobreza*, estado de fortuna opposto á riqueza, com a *indigencia e miseria* — i. é — a falta do neces-

sario para as primeiras necessidades. Ora o primeiro mal, (se é que como tal o podemos considerar, segundo as considerações expendidas em outra parte), ha de existir, em quanto houver desigualdade de capacidades e de energia, maior ou menor ardor pelo trabalho, em quanto a virtude não for equiparada ao vicio, a economia ao desperdicio, etc.

E estas desigualdades só hão de acabar, quando o homem deixar de ser o que é — i. é — *limitado e perfectivel*.

Que seria da variedade e harmonia sociaes, sem estas desigualdades?

O que seria então o aperfeiçoamento, sem a necessidade de harmonizar a variedade d'estes elementos?

Que quer dizer a lei das *aptidões*, senão que uns nasceram para ser lavradores, outros tecelões, estes mecanicos, aquelles sabios, lettrados, legisladores, governantes, mestres, etc. . . . ? D'outra fórma, como comprehender a *divisão do trabalho*, manifestada nas differentes funcções sociaes, que demandam órgãos differentes tambem?

Relativamente ao segundo mal, que existe realmente, mas não só na classe laboriosa propriamente dita, o que os socialistas não veem, ou não querem ver, por exemplo, é que uma das causas mais salientes e verdadeiras do estado de privação de muitos individuos da classe operaria e artista (porque não



sabemos se é dado já confundil-as) é uma certa ordem de necessidades facticias, que essa classe creou individualmente, e para satisfazer ás quaes os salarios sam effectivamente exiguos. N'esta crise as primeiras necessidades apparecem sem satisfação, sacrificadas pelas facticias e pelo luxo.

Mas o proprietario e capitalista hão de ser responsáveis por actos, para que não concorreram, nem sequer moralmente?

A educação — a moralidade — a economia — o ardor no trabalho — a previdencia — até mesmo em quanto aos casamentos sem modo de vida; a associação *livre*, as caixas economicas, os monte-pios, a melhor organização da familia; — eis o que o socialismo não aconselha; eis o que a sciencia economica recomenda.

Cumpra cada um com os deveres da sua posição; trabalhemos todos; respeitemos os direiros d'outrem; aperfeiçoe cada um a intelligencia e o coração no lugar, que a Providencia lhe assignou, e a sua profissão será sempre nobre; coadjuvemo-nos *livremente*, e as reformas economicas e politicas operar-se-hão natural e progressivamente pela intelligencia e pela *ordem*.

FIM.



# INDICE

---

## PARTE GERAL

Observações..... 11

### SECÇÃO PRIMEIRA

Verdade fundamentaes..... 13

### SECÇÃO SEGUNDA

Socialismo em geral — *Sua evolução historica*..... 33

---

## PARTE ESPECIAL

### SECÇÃO PRIMEIRA

O socialismo contemporaneo nas suas pretensões.. 59

### SECÇÃO SEGUNDA

O socialismo contemporaneo é a negação de toda a sciencia social, especialmente a Economia Politica 67

---

# INDICE

## PARTE GERAL

Observações.....	11
SECÇÃO PRIMEIRA	
Verbas Fundamentais.....	13
SECÇÃO SEGUNDA	
Socialismo em geral -- Sua evolução histórica.....	33

## PARTE ESPECIAL

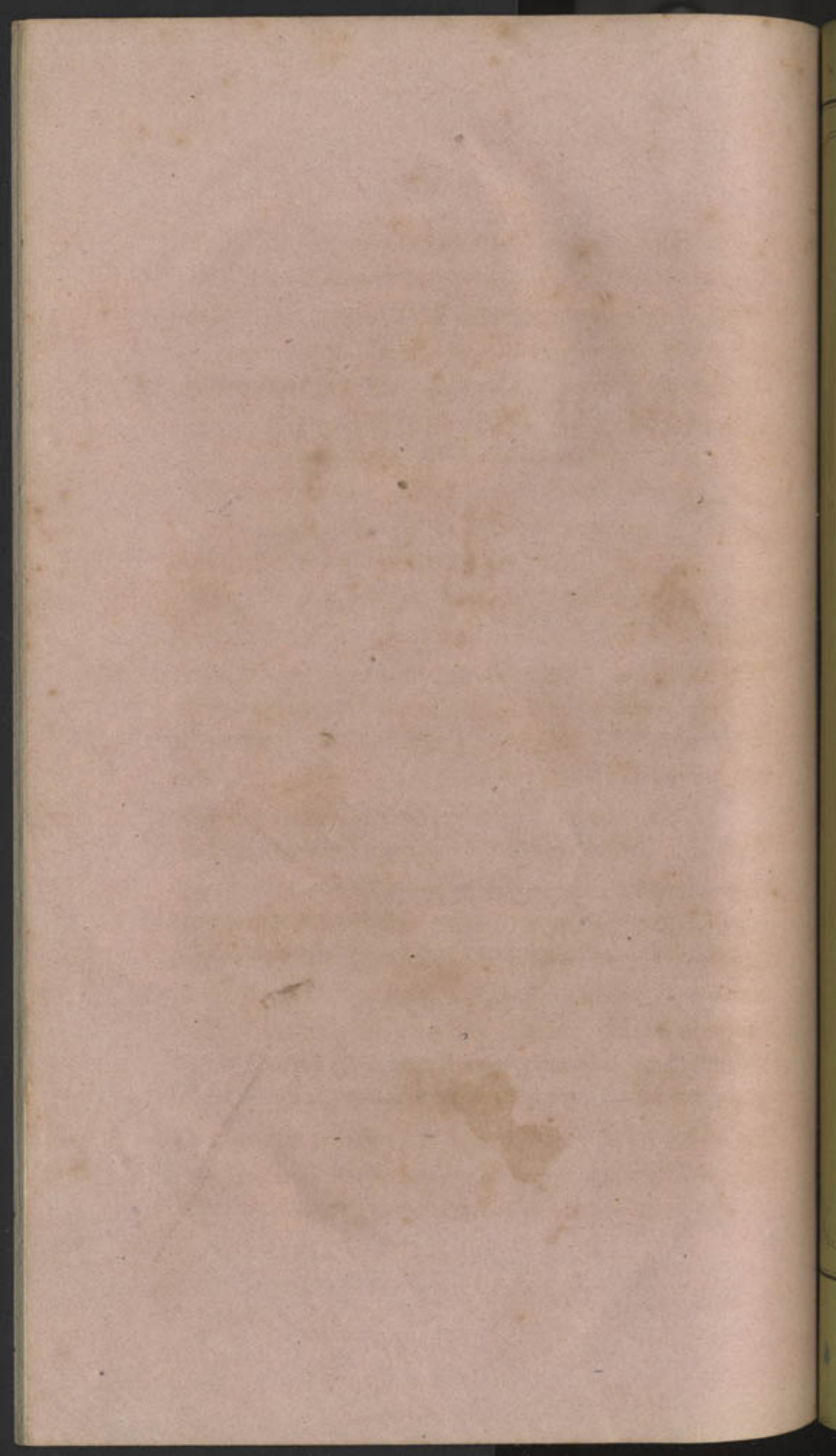
SECÇÃO PRIMEIRA	
O socialismo contemporaneo nas suas pretensões ..	59
SECÇÃO SEGUNDA	
O socialismo contemporaneo é a negação de toda a ciencia social, especialmente a Economia Política	67

1870

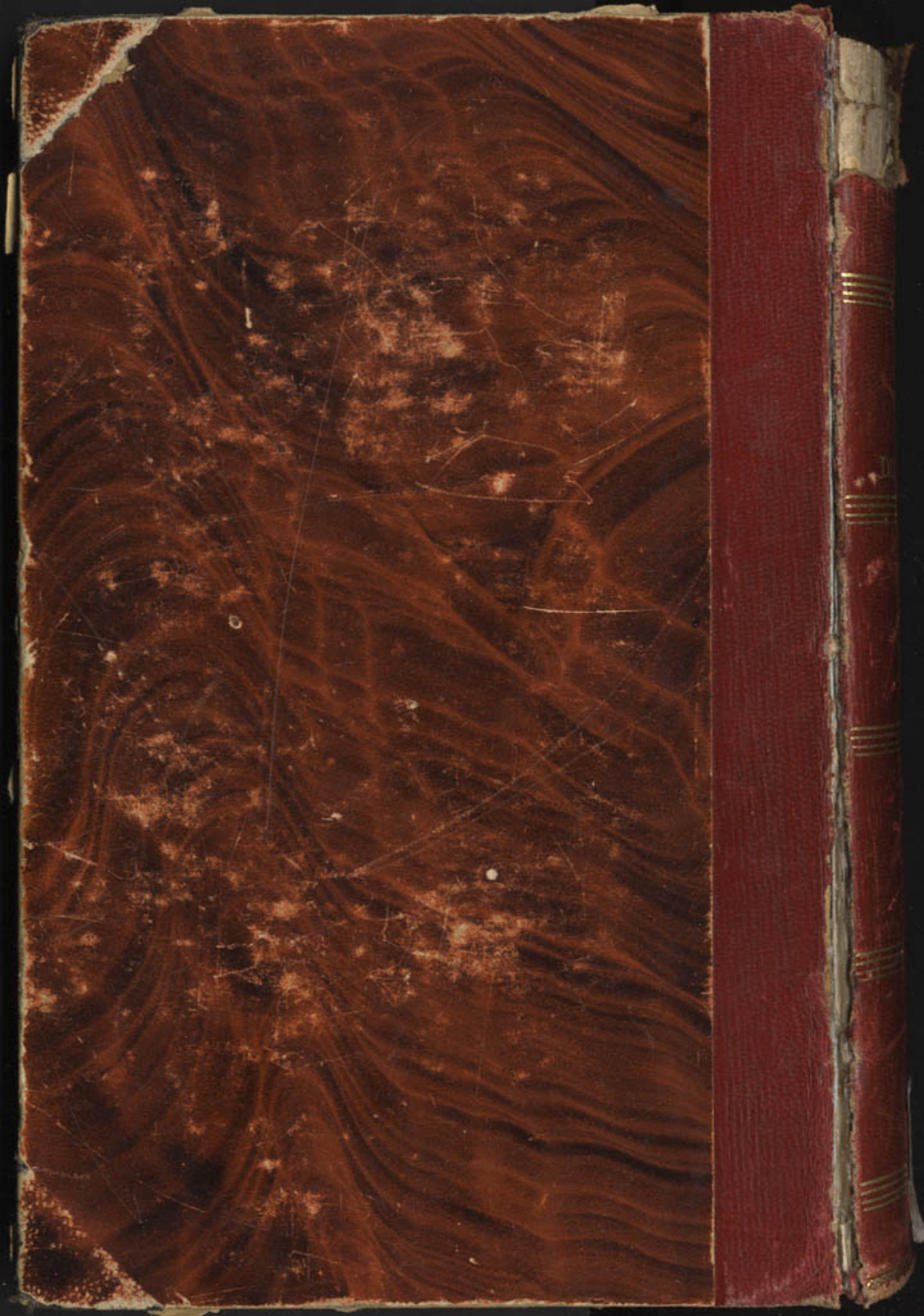
MARCELO PORTUGAL

1870

1870



# **Página de Controlo**





C. GARRIDO  
F. FALCÃO  
A. CALLISTO  
T. BRAGA  
DISSERTAÇÕES

Sala	A
Gab.	A
Est.	3
Tab.	
N.º	4